



## **Biblioteca Breve**

SÉRIE LITERATURA

O RISO, O SORRISO  
E A PARÓDIA  
NA LITERATURA PORTUGUESA  
DE QUATROCENTOS

COMISSÃO CONSULTIVA

JOSÉ V. DE PINA MARTINS  
Prof. da Universidade de Lisboa

JOÃO DE FREITAS BRANCO  
Historiador e crítico musical

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA  
Prof. da Universidade Nova de Lisboa

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL  
Escritor e Cientista

HUMBERTO BAQUERO MORENO  
Prof. da Universidade do Porto

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA  
Doutor em Filologia Clássica pela Univ. de Lisboa

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO

ÁLVARO SALEMA

MÁRIO MARTINS

O riso, o sorriso  
e a paródia  
na literatura portuguesa  
de quatrocentos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

*Título*

**O riso, o sorriso e a paródia  
na literatura portuguesa  
de Quatrocentos**

---

*Biblioteca Breve / Volume 15*

---

1.<sup>a</sup> edição — 1978  
2.<sup>a</sup> edição — 1987

---

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa  
Ministério da Educação

---

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*  
*Divisão de Publicações*  
Praça do Príncipe Real, 14-1.º, 1200 Lisboa  
Direitos de tradução, reprodução e adaptação  
reservados para todos os países

---

*Tiragem*  
3 500 exemplares

---

*Coordenação geral*  
Beja Madeira

---

*Orientação gráfica*  
Luís Correia

---

*Distribuição comercial*  
Distribuidora de Livros Bertrand, Lda.  
R. das Terras dos Vales, 4-A, cave  
Venda Nova • 2700 Amadora

---

*Composição e impressão*  
Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio  
de Veiga & Antunes, Lda.  
Trav. da Oliveira à Estrela, 10 - Lisboa

---

Outubro 1987

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
I. A SÁTIRA EM PORTUGUÊS NO <i>CANCIONEIRO DE BAENA</i> .....	11
II. O RISO E A SÁTIRA NA TROPA.....	14
1 — A sátira, a tropa e o povo combatente do Mestre de Avis .....	17
2 — A ironia de Nuno Álvares.....	20
3 — O resto da tropa .....	23
4 — Sátiras à base da literatura arturiana.....	26
5 — Tropa de África .....	29
III. O <i>LIVRO DA MONTARIA</i> , O REI D. DUARTE E A <i>VIRTUOSA BENFEITORIA</i> .....	33
1 — O «Livro da Montaria» .....	33
2 — O «Leal Conselheiro».....	35
3 — O «Livro da Virtuosa Benfeitoria» e o amor sandeu .....	38
4 — Sátiras das más desculpas e do mal dar .....	39
5 — Sátira do mal pedir e do mal receber .....	40
6 — Sátira da má justiça.....	42
7 — Sátira da má repartição dos bens e do abandono dos pobres.....	42

8 — Sátira dos funcionários públicos e dos maus conselheiros.....	44
9 — Sátira dos que impedem a justiça.....	45
10 — Sátira dos invejosos.....	45
IV. A SÁTIRA PETRARQUIANA NO <i>BOOSCO</i> <i>DELEITOSO</i> .....	47
V. A SÁTIRA NO <i>CANCIONEIRO GERAL</i> .....	55
1 — Sátiras de Garcia de Resende .....	57
2 — Sátira social.....	60
3 — Sátiras contra os judeus.....	65
4 — Contra as mulheres .....	70
5 — Pornografia para rir.....	72
6 — Coprologia satírica.....	75
7 — O riso e o vinho.....	77
8 — O riso em torno dos bichos .....	81
9 — Sátiras da vida ridícula .....	86
10 — Paródias do sagrado .....	91
11 — Paródias do profano .....	95
VI. SERMÕES BURLESCOS .....	98
VII. A SÁTIRA DA DANÇA MACABRA.....	102
NOTAS.....	108
BIBLIOGRAFIA.....	115

## INTRODUÇÃO

A História é ainda o vento do Génesis a soprar sobre a Terra dos Homens. Às vezes, «oiço passar o vento, / e acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido», diz Fernando Pessoa, do vento que sacode as árvores. Quanto a nós, vale muito mais escutar o vento da História, sobretudo quando ele uiva já longe e deixa em nós a saudade tranquila de tudo o que passou. A realidade perdeu os espinhos, aninhou-se na memória e dá gosto falar com ela. Como é bom ler agora a batalha de Borodino, em *Guerra e Paz*! Nem a dor chega a doer. O mundo-que-já-não-é deixa, atrás de si, um sorriso manso e as chagas fecham-se, não sabemos como. Sentimos a ilusão de que o mundo e os homens de antigamente amaram-se mais e enraizaram-se melhor na vida:

Qualquer que ele seja, o destino daqueles  
Que o amor levou  
Para a sombra, ou na luz se fez a sombra deles,  
Qualquer fosse o voo,  
Por certo eles foram mais reais e felizes.

Até os prantos que a literatura nos legou, por esta ou por aquela desgraça, até eles infiltram em nós a impressão duma dor que é pena saborosa, como se fôssemos meros espectadores duma tragédia no palco.

Os adeuses finais do Arcediogo de Toro têm o seu quê duma bela despedida no cais. As chalaças furiosas dos oficiais de D. João I e a forma como o punham muito abaixo do rei Artur, as observações irónicas da *Virtuosa Benfeitoria*, sobre a arte de bem dar e bem receber, certas comparações do *Livro da Montaria* e a sua troça das mentiras dos caçadores, tudo isto tem a beleza duma infância perdida, uma infância talvez infeliz, mas à qual muitos gostariam de voltar. Do antigo sofrimento só ficou, quando muito, a lembrança confortável duma aventura corajosa de que nos safámos bem.

Ao lermos, no *Cancioneiro Geral*, os arrenegos de Gregório Afonso e os *porquês* achados no paço de Setúbal, limitamo-nos a sorrir. Os prantos sobre a morte do jovem príncipe D. Afonso, morto nos areais do Tejo, aproximam-nos, quando muito, da melancolia romântica duma mocidade longínqua, cortada cerce aos dezasseis anos. Se ele fora uma princesa, limitar-nos-íamos a recordar: «Rose, elle a vécu ce que vivent les roses, / l'espace d'un matin.» E passaríamos adiante, às sátiras dos casos e acasos da vida corrente, por exemplo à capa broslada de mal-me-querer, que deu assunto para uns versos mordentes de Pero de Sousa Ribeiro.

As sátiras à morte caricata dum cavalo a rebolar pela encosta abaixo do castelo de Lisboa, as aventuras galantes de quem o montava, os versos a propósito da espaventosa braguilha de Fulano ou do gibão de Cicrano, fazem-nos pensar num século despreocupado. A grande ilusão! A vida é demasiado séria para se poder levar sem rir um pouco. Alguns dos poetas do *Cancioneiro Geral* eram soldados batidos na escola dura de Marrocos e da costa de África. E raras vezes, na história, a tensão dum povo atingira tanta força espasmódica e



tão ampla envergadura. P. J. Pidal nota o mesmo no *Cancioneiro de Baena*: «al leer sus versos, no se ve un solo indicio de que estén escritos por manos encallecidas en los combates y por corazones templados en los horrores de las contiendas civiles». Então, pensamos que os homens do *Cancioneiro Geral* pertenciam à geração que fez o mundo na sua redondeza ampla — e apesar disso, eles continuaram a rir e a sorrir, sem discursos heróicos. Olhamos para eles e parecem-nos «mais reais e felizes» do que nós, que levamos o peso de não sermos ninguém.

Neste volume da graça portuguesa do século XV poderíamos andar por outros caminhos? Decerto. Já na obra sobre a sátira dos séculos XIII e XIV, conviria falar do *Livro das Aves* (Rio de Janeiro, 1965). Ali vemos a ema hipócrita; a grua, imagem dos prelados néscios e mal falantes; o mioto, símbolo dos luxuriosos que levam para o mal as pessoas simples e *bavecas*; o pavão que faz a roda, cheio de vaidade, e mostra o rabo feio; etc. Ou então, lembramos o catecismo medieval dos *Inéditos de Alcobaca*, onde a Vanglória, a Inveja, a Sanha, a Acídia, a Avareza, a Gargantoice e a Luxúria, todas elas filhas da Soberba, geram, por sua vez, outros pecados sem conto. Armam-se, deste modo, as *mesnadas* do Diabo e estas incham-se de cólera, dormem preguiçosamente, assemelham-se a moinhos de palavras, juntam dinheiro e mais dinheiro, sem «coyta do pobre», empanturram-se de comer e de beber, entoam cantos mundanais e enganam os fracos. Com efeito, tal barulho faz esta soldadesca e tanta força tem que leva a alma de pecado em pecado, como azémola pelo cabresto!

Temos ainda as versões em medievo-português, por exemplo do *Libro de Buen Amor*, com a batalha de Dona

Quaresma contra Dom Carnal e os versos irónicos à morte de Trotaconventos. Ou então o *Conde Lucanor*. Neste, avulta a fábula do velho, o rapaz e o burro, que hoje ainda faz rir tanta gente, e ainda a figura palreira de Dona Truana, com o seu pote de mel, avozinha lídima da nossa Mofina Mendes e da mania de levantar castelos no ar. Quebra-se a bilha e lá se vão os sonhos e tudo quanto Marta fiou.

Quer dizer, o reino da sátira, em Portugal, é mais vasto do que a literatura de raízes portuguesas. Nós, porém, não temos culpa de haver águas da chuva, além das águas do rio. É só do rio que falamos. Para além dele, só por acaso. A cada passo dizemos *sátira*, para não estarmos sempre a distinguir entre riso, sorriso e paródia. E não metemos a *invectiva* mais ou menos sarcástica no título da obra, porque, diziam os romanos, *de minimis non curat praetor*. Para o nosso caso, os títulos não falam de coisas miúdas. Mas elas estão no livro, Alá seja bendito!

Uma pergunta final: Porque não pusemos, aqui, as sátiras de Gil Vicente, sobretudo a sua medievaesca paródia do sagrado? Bastaria dar um jeito ao título da obrinha e metê-la pelos começos de quinhentos. O espaço não nos deixou dar esse jeito. A cantarinha está cheia e só nos resta a frase goliarda que certo copista escreveu num códice alcobacense: *Explicit totum. / Pro poena, da michi potum*. Cheguei ao fim. Pela canseira, dêem-me de beber. E que o leitor nos desculpe. Estamos na Idade Média católica, heróica e de língua um pouco destravada.

## I — A SÁTIRA EM PORTUGUÊS NO *CANCIONEIRO DE BAENA*

Para além das nossas fronteiras, alguns poetas ainda escreviam no século XV, tardiamente, na língua dos antigos cancioneros, embora um pouco evoluída. Entre eles, contamos Afonso Álvarez de Villasandino, Macías, o Arcediago de Toro e Garci Ferrandes de Gerena ou Jerena. Este, bastante impressionável, passou a vida em bolandas. Após a batalha de Aljubarrota, casou com uma jogralesa moura, fez-se depois ermitão e fugiu com a família para terras muçulmanas, donde voltou na miséria, anos mais tarde. E não o prenderam, sequer, por ter apostatado.

Versos «gallegos», diz Menéndez y Pelayo, «pero tan impuros en la dicción, que muchas veces duda uno si lee gallego castellanizado o castellano agallegado»<sup>1</sup>. Ainda assim, talvez os copistas sejam um pouco responsáveis por esta deterioração da língua galaico-portuguesa, no *Cancioneiro de Baena*.

Em Villasandino, singular compositor da «muy graciosa arte de la poetría», a sátira floresce aqui e além, embora não muito. Louvador, por interesse, de mancebas de reis, a sua musa principal foi Dom Dinheiro. Pouca é a sua ironia em português. Ainda assim, troça de certo inimigo de D. Guterres, arcediago de Guadalajara. Que pode fazer esse homem? Esperará

ele que Tamerlão o venha ajudar? Maravilha é ver um gatito erguer-se contra um leão. Bastaria só um rugido para afugentar «cantos gatos en o mundo son», quanto mais um pobre magricelas <sup>2</sup>.

Macías queixa-se dos seus mil trabalhos e diz mal do amor que o faz sofrer. Sátira? Não. Antes uma queixa. De boa veia poética parece-nos o Arcediago de Toro, quase todo ele de inspiração amorosa e cheio de simpatia pelos amigos. Vale a pena ler as suas despedidas ao rei, à rainha, às «donsellas fermosas» e a quantos «ben amaron» e amarão. Para o fim, este canto de sabor elegíaco transforma-se em sátira, ao condenar o mundo ilusório. Cá fica tudo! «A Deus, mundo enganador, / Que eu ya me vo / Para Deus, noso Señor / Que me chamó» <sup>3</sup>.

Válido, no género satírico, é o seu testamento a troçar dos herdeiros, apesar da seriedade do começo: Entrego a minha alma a Deus e o meu corpo à terra. O meu coração leal deixo-o à minha senhora. O meu «lindo cantar» fica para o meu primo Pedro. E a minha graça, para os desengraçados. A minha coragem, deixo-a toda a Rui Lopes de Aguilar, e o *meu cavalgar* a Diogo Flores, também ele meu parente. Quanto aos meus olhos, dêem-nos a um judeu cego de Valhadolide. Para Gil Peres de Ataíde, ficam as minhas pernas. E a Afonso Gonçalves, mordomo da rainha, entrego a minha louçania, para que se vista e calce melhor. A minha boa «arte de lindo trobar», mando-a a Lopo Carrero, meu amigo leal e verdadeiro. E os meus cabelos a João Sanches Mexia, em quem ficam bem empregados. Aos porteiros do rei, deixo em testamento a minha vergonha de pedir <sup>4</sup>. E o resto em igual estilo.

Desta forma ia ele gracejando a respeito deste e daquele, troçando até da sua pobreza (verdadeira ou fictícia), sorrindo um pouco da miséria alheia, como no caso do judeu cego, e satirizando os defeitos das pessoas. Não foi por acaso que ele deixou a cabeleira a João Sanches Mexia. Este devia ser calvo.

Garci Ferrandes de Jerena amaldiçoa o seu casamento com a cantadeira moura, que lhe saiu pobre quando ele estava à espera de mulher rica <sup>5</sup>. Nem sequer temos sátira, antes uma choradeira poética, de homem ao sabor das emoções — ora a dizer que Deus abandonara Espanha, em Aljubarrota, ora preso à jogralesa, ora feito ermitão e a compor versos religiosos, ora feito muçulmano e metido com a cunhada.

## II — O RISO E A SÁTIRA NA TROPA

Eram dois soldados bravios e ambos eles destravados na língua, D. Afonso Henriques e D. Afonso IV. Atribuída ao primeiro, temos a crítica desbocada feita a Roma, por ocasião da lendária questão do *bispo negro*. Lenda? Contudo, simboliza a sua maneira de reagir (e não só dele): De Roma nunca me veio senão mal!

E há também o que se conta acerca da reunião do seu conselho, no campo, para ninguém os escutar, e de como nenhum segredo se mantém. À volta, o rei ouve uma velhota, a dizer alto que eles estiveram a tratar da conquista de Santarém. E o rei disse: — Reparastes vós no que disse a velha? Se algum de vós se tivesse afastado, eu lhe cortaria agora a cabeça, por descobrir o segredo <sup>6</sup>!

Del-rei D. Afonso IV temos dados seguros, neste ponto, entre eles a sua resposta ao longo sermão do enviado papal, em louvor da paz: — Vós me falais em teologia e eu sei mais de beber que dela, por o que me parece que «he já oras» <sup>7</sup>. Lá foram comer e beber — e julgamos que a resolução pouco desagradou ao bispo.

Inteligente, franco e mordaz, escreveu ao rei de Castela a dizer que ele, rei de Portugal, não admitia quebras de palavras e vingaria as afrontas, «como Deos vingou a morte de seu Filho». E logo a seguir: É preciso

entender «que sey onde tem o corvo o byquo»<sup>8</sup>. Aqui está uma piada que fica bem num rei-caçador e num soldado de raça: Ele sabia onde é que o corvo tinha o bico! Que não o enganavam!

Sem respeito a privilégios, D. Pedro, o Justiceiro, punha na forca os clérigos criminosos, de ordens maiores e menores. Que os enviava a Jesus Cristo, para este lhes fazer justiça, no outro mundo<sup>9</sup>. Tinha humor negro, este rei, e gostava de ver um criminoso dançar na forca. Nós, porém, andamos à procura do que hoje chamaríamos humor de caserna. Salta ele à vista nas hesitações irritantes del-rei D. Fernando. Os fronteiros exortavam-no a defender o seu «poleiro»<sup>10</sup>. No fim de contas, era ele o galo. D. Fernando, contudo, deixava-se levar pelos ventos da cobardia e tanto o povo como decerto os soldados murmuravam entre si: Ei-lo vai, ei-lo vem, de Lisboa para Santarém!

Era demais. Quando o rei deixou passar as tropas castelhanas, ali pertinho, e João Sanches, um dos militares, soltou a língua na praça, contra o rei, em má hora D. Fernando disse para não fazerem caso, pois não passava dum «villaão zombeteiro» e filho dum azemel del-rei D. Pedro. João Sanches, ao contarem-lhe o caso, zangou-se e respondeu, numa sátira sangrenta à sua covardia: — Se acaso o meu pai foi azemel do vosso, foi-o dum nobre rei. Se vós tivéreis mil azeméis como eu e de tal vontade, não vos passaria o rei castelhano «per ante a porta, como passou, nem levava de vós tal homrra». D. Fernando calou-se e as tropas diziam a João Sanches para não falar assim em público. Riam-se, porém, do que ele maldava contra o rei, «em modo d'escarnho»<sup>11</sup>. Em Santarém, de facto, as tropas

inimigas passaram, praticamente, à *porta* do rei e este encolhera-se. O filho do azemel tinha razão.

Havia os ditos furiosos e zombeteiros nas horas de combate. Notamo-los já, na conquista de Lisboa, quando, nas muralhas, os muçulmanos zombavam da cruz e os portugueses e cruzados respondiam decerto no mesmo tom, contra Mafoma. Não era uma sátira bem desenvolvida, antes sarcasmos rápidos e às vezes brutais. Afonso López de Texeda, partidário do rei português, defendia-se contra as tropas da rainha D. Joana, que cercavam Zamora. E quando o ameaçaram de lhe matarem dois filhos entregues como reféns, gritou despudoradamente que não se importava, «que ainda el tiinha a forja e o martello com que fezera aquelles»<sup>12</sup>.

Por sua vez, D. Henrique Manuel, ao gritarem-lhe que o escudeiro fugira com a bandeira, berrou que a bandeira era um «pouco de pano»<sup>13</sup>. Porém, tal ironia não o livrou da derrota. Havia também as chalaças da tropa valente. No cerco de Badajoz, Gil Fernandes gritou para o escudeiro que o seguisse, pois queria ver «como se estrema o macho da femea»<sup>14</sup>. Isto de chamar fêmea ao chefe da tropa revela-nos o desbocamento crítico dos oficiais de então e Fernão Lopes teve o cuidado de não esquecer esta frase, como não esqueceu a de João Sanches nem as dos chefes militares, no falhanço de Cória.

Gente de má condição, as tropas inglesas punham as quintas a saque e violavam as mulheres. Os soldados portugueses desbocavam-se nesta miséria: — E onde ides vós, compadre? — Vou-me à pressa defender a minha quinta, de tal lugar (que logo em Portugal



nomeava), que ma não tomem os ingleses!, respondia o outro. — E eu também vou defender a minha!

Diziam isto por «modo d'escárneo». Acabaram por não defender quinta grande nem pequena, mas a sátira ficou para os séculos. E duas partes dos ingleses também ficaram debaixo da terra, sobretudo mortos pela calada, nos «fojos de pam» do Alentejo <sup>15</sup>.

1 — *A SÁTIRA, A TROPA,  
E O POVO COMBATENTE  
DO MESTRE DE AVIS*

Era um bom psicólogo, Fernão Lopes. Além disso, teve à mão testemunhos directos e relações bastante pormenorizadas sobre os homens e as coisas da revolução e da guerra. D. Leonor Teles, descrita por ele, é uma maravilha de maldosa beleza, a que não falta certa ironia, ora insinuante ora mordaz e sarcástica. Não lhe parecia mal o rei de Castela, quando o viu pela primeira vez. Mas queria *o homem mais homem*, declarou ela ao Mestre de Avis. Era um remoque demasiado sexual e demasiado cru na boca duma mulher.

Tinha ditos sangrentos. Ao fugir de Lisboa, afirmou que era seu desejo vê-la destruída e arada toda por bois. A ironia, nela, atingia a força duma praga, quando se resolvia a falar franco. E ao dizer-lhe o genro que resolvera metê-la num convento de Tordesilhas, ela gritou que metesse lá qualquer irmã dele, se a tivesse. Dera-lhe um reino e pagavam-lhe assim! Bem se podia dizer «que quem o seu cam quer matar, raiva lhe põe nome» <sup>16</sup>.

Deixemos, porém, esta mulher inteligente e temperamental, mas incapaz de amar com profundidade. Ao povo combatente pertencia o clérigo João Mateus, que tinha mais cuidado em abrir as portas às tropas de Nuno Álvares do que em rezar matinas <sup>17</sup>. Esta piada de Fernão Lopes sugere-nos que ele vai ter gosto em registar as chalaças dos soldados e a ironia sóbria de Nuno Álvares. Mas antes de entrarmos em maior contacto com o povo combatente e a tropa, acentuamos que a piada é uma sátira reduzida à sua expressão mais simples. Rápida e sintética, tem o seu quê duma pedrada, mas sem impacto brutal.

Grande e cínica era a sabedoria de Álvaro Pais, ao aconselhar ao Mestre de Avis, em tom de sátira à estupidez alheia: — Dai aquilo que vosso não é e prometei o que não tendes e perdoai a quem vos não errou e ser-vos-á mui grande ajuda <sup>18</sup> ! Esta sabedoria algo demagógica e de sabor actual seguiu o Mestre de Avis, distribuindo pelos seus partidários os bens dos adversários fugitivos. E, já se vê, o que ainda não tinha.

Porém, nem tudo se explica pela dialéctica dos interesses económicos. Havia a força carismática do povo. Desde as portas de Santa Catarina e por aí fora, as moças cantavam alto esta cantiga de escárnio, aludindo à morte do Andeiro e do bispo:

Esta he Lixboa prezada,  
mirala e leixalla.  
Se quiserdes carneiro,  
quall derom ao Andeiro;  
se quiserdes cabrito,  
quall derom ao Bispo <sup>19</sup>.

Foi pena que Fernão Lopes ficasse por aqui, pois havia mais estrofes. Boas ou más, todas as revoluções acabam por revelar crueldade, a ponto de Fernão Lopes escrever, ironicamente, que a população abria feridas e mais feridas no bispo, depois de morto, como se estivesse a ganhar indulgências <sup>20</sup>.

Mais expansivo do que Nuno Álvares, o Mestre de Avis sabia rir. E os soldados também. Por exemplo, Lisboa enviou ao Mestre de Avis algumas tropas e, com elas, iam três alveitares, dois ferradores, dois correeiros e «huum jogral» — o homem das graças, das canções e da música. Era ele que mantinha a alegria na tropa. Lembramo-nos do *Monge de Cister*, onde se fala dos «gritos descompostos do jogral da bestaria, palhaço indispensável em cada corpo de tropas municipais».

D. João I chegava a ser contundente. Ao longo arrazoado do emissário castelhano, respondeu ironicamente: — Digo-vos, Arcediago, que vós haveis mui bem falado, se a vossa pregação fosse nova e não fora ainda ouvida. Mas já esse sermão foi tantas vezes pregado... que o sabemos todo de cor <sup>21</sup>. Antes deste, outro emissário castelhano ouvira também palavras pouco agradáveis, pois em chegando a Castela disse ao rei para mandar o Mestre de Avis ao diabo, porque só respondia: «Nom, nom, nom, nom» <sup>22</sup>.

Por sua vez, teve o Mestre de Avis de aguentar o escárnio dos outros, até ao insulto e ao simbolismo obsceno. Com efeito, João Duque, senhor de Torres Vedras, mandou-lhe, certo dia, «em dous baços, huum vergonhoso presemte, comvém a saber, hũa natura d'asno cozida com duas laranjas; e com ella hũa troba». Dizia a trova que, das carnes, o melhor bocado era aquele. Ainda assim, que lhe mandasse carne fresca

porque, se defendia o castelo, era por lho terem confiado. E o Mestre «começou de rir e mandou-lhe dar carnes»<sup>23</sup>. Esta boa disposição era o que valia a D. João I.

## 2 — A IRONIA DE NUNO ÁLVARES

Nuno Álvares, julgamos que não acharia graça ao presente de João Duque. Não era para tais chalaças. Em geral, não ria. Sorria. Mas tinha o sentido do humor e uma qualidade: a *mesura*. O sentido dos limites.

Em rapaz, gostava de se divertir e, no banquete dos dois reis (o de Castela e o de Portugal), chegou-se, «passeando mui mansso», e deu com os joelhos no pé da mesa (onde lhe tinham ocupado o lugar) «e deu com ella em terra». E tanto ele como o irmão foram-se embora sossegadinhos, como se nada tivessem feito. Este facto define uma psicologia. Mas o homem não é sempre o mesmo. Depende também do desafio que lhe é lançado.

João das Regras e outros contradiziam-no, nas reuniões dos conselheiros, por inveja e talvez por não calcularem bem a sua força irónica. Em certa ocasião, Nuno Álvares riu de boa vontade — e o bom senso do Mestre pediu-lhe explicações. O certo é que os outros deixaram-se de manobras políticas<sup>24</sup>.

A um irmão que abalara para Castela, perguntou Nuno Álvares como sabia já «tantas castelhanias», chegando há tão pouco tempo a Castela<sup>25</sup>. Sabia falar aos soldados, com imagens de caçador: Mesmo se o golpe falhasse, dizia ele, antes morrer em volta das

«fraldas» do nobre rei de Castela do que «os amdar elle depois apanhando, de logar em logar, come perdigotos e emforcallos», um a um, pelos sobreiros <sup>26</sup>!

É uma sátira à morte vergonhosa dos cobardes. Em Palmela, caçara ele um grande javali e mandou quatro homens levá-lo, numa azémola, ao seu adversário Pero Sarmento, em Cacilhas, juntamente com um recado. Que irónico e cortês recado levaria o escudeiro, não sabemos ao certo. Mas gostaríamos de o saber. Contudo, no dia seguinte, caía Nuno Álvares sobre Almada —e lá estava o bendito javali, na praia, à espera de Pero Sarmento. É que o fidalgo castelhano abalara para junto do seu rei, na outra margem. O caso ganhou fama <sup>27</sup> e a *Crónica do Condestável* conta as coisas um pouco doutra maneira. Quanto a nós, calculamos que Nuno Álvares enviou o porco bravo ao espanhol, meio por cortesia meio por desafio, numa espécie de ironia ambígua: Mando-lhe este presente e em breve lhe farei uma visita! E fê-la, mal rompia o sol. Não foi sem razão que lhe chamaram *Nuno madrugá*!

Sorria dos agoiros e dos sonhos. Ao atravessar o rio Tejo, falou-lhe certo escudeiro dum sonho em que o batel caía nas mãos dos espanhóis. O Condestável obrigou-o a ficar em terra, pois assim não veria, disse ele, o cumprimento do sonho que tivera <sup>28</sup>. Era impossível afirmar isto sem rir um pouco.

Nas cortes de Coimbra, em conversa com o Mestre de Avis, chamou «roncador» a Martim Vasques da Cunha, mas prometeu fazer menos barulho contra ele <sup>29</sup>. Aqui, Nuno Álvares dá-nos a impressão de ter perdido a paciência. O «roncador» irritava-o, por ser contra o Mestre de Avis e por se julgar mais do que era.

Mais tarde, veio-lhe uma dor, perdeu a vontade de comer e não podia ver ninguém, sobretudo quando lhe traziam cartas. Mandaram-no descansar na quinta de Alferrara e lá zangou-se com o gordo Lourenço Cordovil — uma zanga medonha que acabou em risota <sup>30</sup>. No mais, sorria, falava pouco e tinha os soldados na mão, pois era da rara casta de homens nascidos para mandar.

Não, não sabia se os castelhanos e seus amigos eram hereges, insistia ele, antes da batalha de Aljubarrota. Sei, porém, que nós temos razão! E o outro, «com geito e som d'escárneo»: — Se vencerdes, sereis os mais honrados homens que no mundo houve. Se fordes vencidos, sereis os mais honrados vencidos que no mundo foram <sup>31</sup>.

Antes do combate, ali como em todos os tempos, a ironia, o sarcasmo e os insultos espraiavam-se em largo rio. Os cronistas, porém, registaram unicamente este ou aquele episódio, uma ou outra frase. Que diremos de Antão Vasques, a bailar diante de D. João I, embrulhado na bandeira de Castela? Nada, a não ser que havia de tudo — a alegria e os vilões portugueses a assassinar prisioneiros, um deles nada menos que um dos irmãos de Nuno Álvares!

Vieram ainda novos combates, chegou o molhinho de varas <sup>32</sup> em desafio, e partiu a resposta irónica do Condestável: que os iria castigar com elas...! Em terras de Bragança, proibiu Nuno Álvares haver amantes nos acampamentos — e eram muitas! Se alguma fosse apanhada, açoites! Foi um borborinho. Mais tarde, dizia Nuno Álvares que «ante quizera esperar hãa batalha, posto que de muita gente fose, que esperar de responder a tantas razões» apresentadas em favor das «mancebas»

<sup>33</sup>. Muito devia ele ter sorrido, ao lembrar-se da carga de razões que o amor de cada um trazia consigo, em favor da sua amiga de acampamento!

Morrera-lhe a mulher e, pouco depois, em Braga, falaram-lhe em casar com D.<sup>a</sup> Beatriz de Castro. Tanto o maçaram que abalou dali, dizendo pelo caminho que deixara atrás de si uma nuvem negra por cima dele <sup>34</sup>. As senhoras talvez não gostem de ler isto, mas é a verdade pura.

### 3 — *O RESTO DA TROPA*

Referimo-nos à tropa aqui na Europa. A de África terá um breve lugar, no final do capítulo.

Fidalgos, escudeiros e homens de pé faziam de algozes ou vítimas, no reino do escárnio e do gracejo, e muitos deles eram soldados de Nuno Álvares ou do rei D. João I.

Logo no começo, D. João Afonso troçava do alcaide de Lisboa e contou a fábula da raposa a ameaçar com o rabo o corvo que, na árvore, segurava um queijo no bico <sup>35</sup>. Deixaria o alcaide cair o queijo, quer dizer, o castelo de Lisboa, só por medo?

Levado pela mulher, Fernão Gonçalves defendera Portel contra Nuno Álvares, mas tivera de o ceder. Ao abandonar a vila, mandou tocar as trompas e berrou para a mulher, em português digno das vielas da Mouraria: — Andai por aqui, boa dona, e iremos balhando, vós e eu, ao som destas trompas; vós, por má puta velha, e eu por vilão «fodudo no cuu», cá assim

quisestes vós. Ou cantemos desta guisa, que será melhor:

Pois Marina baillou,  
tome o que ganhou;  
melhor era Portell e Villa Ruiva,  
que nom Çafra e Segura,  
tome o que ganhou,  
dona puta velha <sup>36</sup>.

Estes «sabores e outros» ia ele dizendo, até que montou a cavalo e foi-se para Castela. Pena foi que não chegassem até nós os outros *sabores* cantados por Fernão Gonçalves.

A *Crónica do Contestável* traz a mesma cantiga, com pequenas variantes, e chama a Fernão Gonçalves um dos mais graciosos homens do mundo «e ainda mais solto em palavras» <sup>37</sup>. Gracioso, talvez. Solto em palavras, com toda a certeza. Isto de satirizar a mulher em público e chamar-lhe «puta velha», só na Idade Média.

A sátira nem sempre era assim brutal. Por exemplo, certo escudeiro de Nuno Álvares sorria dos fidalgos castelhanos, todos perfumados, e acrescentava ser bom combater senhores tão delicados, «banhados d'augua rosada e de froll de laramjo» <sup>38</sup>. Antes eles do que escudeiros avezados ao trabalho.

No Lumiar, os castelhanos vinham escaramuçar perto da cidade e o conde Álvaro Peres de Castro ia dizendo ironias-ao-contrário, como quem desconversa. Tinha medo e, por isso, fingia que troçava dalguns mais valentes. Diziam-lhe: — Vem aí Fulano, mestre de Santiago!, e ele encolhia-se todo e exclamava: — Ai, que menino! Depois: — E vem aí também Fulano! E ele: —



E esse, que parvo! (Parvo, no sentido de pequeno). E a seguir, quando lhe apontavam outro: — Ai, que cachopo!

Desta forma, dava a cada um o seu *motete* <sup>39</sup>, forcejando ironicamente por convencer os outros de serem os castelhanos grandes capitães e não garotos fáceis de vencer. Mas enganou-se, pois aquela tropa obrigou os espanhóis a fugir.

Os ditos e comparações chistosas vinham dum e doutro lado. Vasco Gonçalves, ao serviço de Castela, dizia dos soldados que eles fugiam como ovelhas para o curral <sup>40</sup>. Um escudeiro, quando os senhores de Chaves lhe perguntavam que andaria a fazer o Mestre de Avis, respondeu que talvez estivesse a fabricar «pirolas e purguas» para os tirar dali para fora <sup>41</sup>. Em Aljubarrota, os soldados não entendiam o latim do arcebispo de Braga (*et Verbum caro factum est...*) e parodiavam: «muy caro feito hee este» <sup>42</sup>. Havia também mil pragas e D. João I gritava, no assalto ao castelo de Ponte de Lima: — Cega-os, S. Mateus, cega-os S. Mateus, cega-os!

Era um ataque de surpresa e bom era que não dessem por isso. Conta-nos a *Legenda Aurea* que os etíopes arrancaram os olhos a S. Mateus e Deus enviou-lhe S. André para lhos restituir. Por isso invocava D. João I o apóstolo S. Mateus — que ele fizesse aos outros o que a ele tinham feito.

Os inimigos do Mestre também praguejavam no mesmo estilo e gritavam: — Cerra bem, cerra bem essas portas, que de S. Jorge arrenego eu, se ele (o Mestre de Avis) hoje cá entra!

Num combate a dois por dois, o par adversário de Gonçalo Lopes era formado por João Gil Sapo e Gonçalo Aranha. O outro negou-se redondamente a

combater com duas tais peçonhas, uma aranha e um sapo <sup>43</sup>! Aconteceu isto em Ponte de Lima.

Por mal dos nossos pecados, faziam-se promessas estrafalárias. Martim Afonso de Sousa, em Aljubarrota, «prometeo, se o Deus da batalha tirase em salvo, de ir ter hua corentena com Abadeça de Rio Tinto, que então tinha por amiga» <sup>44</sup>. Seria uma «promessa» goliardesca e só para rir? Julgamos que sim, ao menos naquela hora.

#### 4 — *SÁTIRAS À BASE* *DA LITERATURA ARTURIANA*

Para nós, os melhores remoques pertencem à gente lida em romances arturianos — e muitos eram os que estavam a par dos episódios da *Demanda* e das suas personagens, a começar por Nuno Álvares, admirador de Galaaz. Conta Fernão Lopes que os castelhanos falavam de Martim Vasques da Cunha e diziam entre si: — D'hoje em diante, mais não cumpre que se leiam as proezas de Tristão e Lançarote, mas falemos no esforço de Martim Vasques da Cunha que, com dezassete homens de armas, se defendeu de quatrocentas lanças que éramos, por tamanho espaço, em tão fraco lugar <sup>45</sup>!

Teria qualquer português inventado este elogio? É que achamos demais erguer tão alto um inimigo. Seja como for, a *Demanda* era lida e relida. Ela e o *Livro de Tristam*. Em Ponte de Lima, certo escudeiro increpou Gonçalo Lopes (o que não estava para brigar com sapos nem com aranhas), por aconselhar Lopo Gomes a resistir. O outro era também de língua solta e perguntou: — E quem sois vós, que me isso dizeis? —

A mim chamam Lançarote! — Do Lago, ou qual? — Mas servidor del-rei meu senhor! — Se vós sois Lançarote do Lago, eu sou Dom Quea, o derribado <sup>46</sup>. Em suma, vemos Gonçalo Lopes, prisioneiro, reagir contra o escudeiro metidoço e perguntar-lhe se era Lançarote do Lago, pai de Galaaz e cavaleiro n.º 2 da *Demanda*. Por outro lado, ria-se de si mesmo, vencido e deitado abaixo, como Dom Quea, derribado uma vez por Galaaz e outra vez por Gamaliel. E não falemos de Dom Quea Destrais.

Os cavaleiros del-rei chegaram ao desaforo de humilhar D. João I, no cerco de Cória. Dirigido pelo rei, o assalto não resultou e Antão Vasques, mal contente, gritava: — Capadócia, Capadócia! Façamos el-rei imperador!

Gritavam Capadócia (terra de S. Jorge), como se gritava Portugal, Portugal!, na proclamação do monarca, por exemplo, e na guerra. Aquilo de o proclamarem imperador, após um desaire militar, devia saber mal a D. João I. E queixou-se de alguns não se chegarem bem às muralhas, no ataque, acrescentando: — Grã míngua nos fizeram, hoje este dia, aqui, os cavaleiros da Távola Redonda, cá certamente, se eles aqui foram, nós tomáramos este lugar!

A resposta veio de Mem Roiz de Vasconcelos e no mesmo tom: — Senhor, não fizeram aqui míngua os cavaleiros da Távola Redonda, cá aqui está Martim Vasques da Cunha que é tão bom como Dom Galaaz, e Gonçalo Vasques Coutinho que é tão bom como Dom Tristão, e eis aqui João Fernandes Pacheco que é tão bom como Lançarote!

E continuou a dizer deste e daquele, ali em volta, acabando por si: — E eis-me eu aqui, que valho tanto

como Dom Quequa; assim que, não fizeram aqui minguia esses cavaleiros que vós dizeis. Mas faz-nos a nós, aqui, grã minguia o bom rei Artur, senhor deles, que conhecia os bons servidores, fazendo-lhes muitas mercês!

Boa ironia e gracioso remoque ao rei. Este, por seu lado, mostrou-se magoado e queixou-se: — Nem eu esse não tirava afora, cá assim era companheiro da Távola Redonda, como cada um dos outros»<sup>47</sup>. Queria ele dizer: Se faziam de tal pessoa um Galaaz, de outra um Dom Quea, e de outra um Lançarote, etc., fizessem também dele um rei Artur! E tinha a sua razão. Estavam, porém, todos nervosos e, delicadamente, começaram a falar no grande calor que então fazia.

Antão Vasques gabava, a rir, os seus setenta lanceiros. — Gonçalo, que te parece a ti deste? São Jorge é isto, cá não homem de armas! Faze-lhe trazer uma serpe e verás como a matará!

A serpe era o dragão que S. Jorge vencera, quando ia devorar a princesa. Depois, Antão Vasques dirigiu-se ao rei e falou-lhe das reboarias dos seus homens e das cicatrizes de guerra. Porém, Gonçalo mostrava as suas dúvidas. Que as cicatrizes eram de leicenças ou furúnculos. E o rei fartava-se de rir com estas gabações facetas e os ditos satíricos dos outros, tudo para matar o tempo<sup>48</sup>.

Era uma espécie de comédia: duma parte, alguém a fazer de *miles gloriosus* (ele e os seus homens); da outra, os que fingiam não acreditar em reboaria nenhuma, tudo para divertir as pessoas.

## 5 — TROPA DE ÁFRICA

Em Portel, os infantes mataram um grande urso e mandaram-no de presente a D. João I, com «pallavras graçiosas»<sup>49</sup>. No conselho para a conquista de Ceuta, João Gomes da Silva, cujas palavras «sempre traziam jogo e sabor», pôs-se de pé e soltou o famoso *ruços além*, porque o rei e os mais do conselho já tinham cabelos brancos<sup>50</sup>.

Corriam boatos desencontrados, não havia jornais, mas as trovas de Judas Negro iam informando Martim Afonso de Atouguia sobre o destino da expedição e contando o que se murmurava. Encarregado de examinar a praia de Ceuta, a ver se tinha condições para o desembarque, Afonso Furtado pouco ou nada esclarecia e inventou a profecia do velho mouro de Ceuta que, em pequeno, lhe dissera: — Ainda ele, o pequeno Mestre de Avis, ou os da sua geração, dariam de beber aos cavalos, naquele chafariz onde eles falavam!

D. João I começou a rir-se e, por fim, desanimou. O Prior do Hospital, porém, mandou vir duas cargas de areia, um novelo de fita, meio alqueire de favas e uma escudela. Cá temos mais profecias!, disse o rei. Que se deixasse de «jogueta»!, pediu ele. Mas o outro respondeu que não se tratava de nenhuma brincadeira e ali fez, em relevo, o mapa de Ceuta e do seu porto, entre risos e sorrisos<sup>51</sup>.

Entretanto, a peste ceifava os homens e Zurara põe uma invectiva contra a Morte nos lábios dos infelizes, pois tiveram de partir sem ver o fim daquela aventura: — Ah! Morte sem remédio, fim de todas as coisas terríveis, sob cujo império e senhorio não há poder

nenhuma coisa criada... e ante cujo brado tremem todas as coisas que neste mundo se movem! E porque trigavas tanto teus dolorosos passos para nos levar daquesta vida, porque nos não deixavas algum pequeno espaço, para vermos o fim disto <sup>52?</sup>

E a invectiva à Morte vai seguindo, bela, triste e veemente. Os mortos iam para a cova e os vivos distraíam-se com a armada, contentes por sair daquele paradeiro da vida quotidiana. Até Aires Gonçalves de Figueiredo, com noventa anos, começou a rir-se e ofereceu-se também para abalar na armada <sup>53</sup>.

Reinava o riso na peste e na guerra, enquanto Dona Morte, a implacável ceifeira, fazia embarcar milhares de sombras para o Reino das Sombras. E quando, no saque de Ceuta, o mundo todo não tinha mãos a medir para ajuntar riquezas, um escudeiro do Mestre de Cristo deixava tudo e divertia-se com um gavião-terçô, que apanhara no castelo de Ceuta. Deixava oiro e prata e andava contente com o seu gavião, contraste este que era para rir, diz Zurara <sup>54</sup>. Para rir dos outros, parece-nos, pois o escudeiro revelava uma filosofia melhor do que a dos camaradas que empurravam, diante de si, a sua bola de ouro. Inteligente rapaz!

Os muçulmanos não riam nem sorriam. Incepravam Mafoma, por ele querer povoar, com os mortos, outra cidade no outro mundo <sup>55</sup>.

O mundo é feito de mudanças. Anos depois, veio o desastre de Tânger e as invectivas saíam agora dos lábios dos prisioneiros portugueses. Ao tratar dos prós e dos contras, o infante D. João, sem desprezar as indulgências concedidas aos expedicionários, observava que, por mil dobras enviadas a um cardeal, para fazermos uma mui pequena obra de misericórdia,

receberiam do Papa indulgências bem maiores! Sátira às indulgências? Não! Crítica sorridente à maneira um tanto arbitrária de as distribuir. Que valiam mil dobras ao pé dos sofrimentos dos soldados? E sentimos que tais obras de misericórdia corriam o perigo de não passar de pretexto para receber dinheiro.

O resto, sabemos-lo todos, pela narrativa de Frei João Álvares, onde há páginas dignas da literatura moderna dos campos de concentração; nem risos (a não ser dos moiros) nem sorrisos. Ainda assim, mesmo na enxovia, os companheiros do infante D. Fernando «começaram de contrafazerem riiso e de cantarem»<sup>56</sup>. Era ainda o riso da tropa, um riso de compaixão.

Sátira e sarcasmos havia de sobra entre os muçulmanos e renegados: Moços e meninos ao colo dos pais, entrevados e mulheres faziam troça e escarneciam dos portugueses. E até os cegos davam-se por satisfeitos, ao escutarem os ferros «daqueles cães». E a invectiva, agora, pertence-lhes: — É este o rei dos arrenegados que vinham conquistar os mouros de Deus? Que sandia gente! Não cabiam na sua terra e queriam tomar a alheia! Ora tomem o que lhes aveio<sup>57</sup>. Era a sátira política e patriótica, contra a expansão portuguesa. Mas o Infante Santo e os companheiros podiam responder-lhes que os muçulmanos foram os primeiros a começar, conquistando o norte de África e a Península Ibérica.

Comovente é a invectiva contra os Infantes e contra o abandono dos prisioneiros no exílio de Marrocos<sup>58</sup>. Como custam a sentir as penas de quem está longe!

Para acabar, temos a invectiva final, dirigida ao infante D. Henrique: — Vingai, senhor, o sangue inocente de vosso irmão! Cheios de malícia, os mouros

tornaram-se meninos e entregam-se à luxúria e à gula. Das igrejas e casas de oração, em Fez, fizeram moradas sujas de judeus, destruindo as imagens dos santos e os livros da Escritura, etc. <sup>59</sup>.

Estamos em plena literatura de cruzada, em que a sátira nasce da oposição religiosa. Hoje, deriva sobretudo da posse do deus Mamona ou, como diziam os medievais, de Dom Dinheiro! É ele o pomo da divisão e da discórdia. Ninguém, no entanto, renega Mamona, já tão poderoso na Idade Média!



III — O *LIVRO DA MONTARIA*  
O *REI D. DUARTE*  
E A *VIRTUOSA BENFEITORIA*

1 — O «*LIVRO DA MONTARIA*»

Após a sátira e as chalaças irreverentes dos soldados, chega a vez dum caçador de caça grossa — precisamente o mesmo D. João I, a quem a tropa zangada proclamou ironicamente imperador da Capadócia.

Que ele tinha o sentido do humor, vê-se no *Livro da Montaria*, onde fala de matilhas de cães (sobretudo alãos e sabujos) e de veados, javalis e monteiros. Ao explicar-nos como os javalis se escapam, descreve-nos as confusões que daí nascem. São tantas as hipóteses e as perguntas embaraçosas que o rei perde a paciência e diz ironicamente: Pode qualquer «sandeu» deitar uma pedra para o fundo do mar. Mas nem todos os «sabedores do mundo» são capazes de a tirar de lá <sup>60</sup>! Em suma, é fácil fazer perguntas. Só Deus é capaz de responder a todas.

As suas comparações venatórias só as apreciamos bem acompanhadas por um largo sorriso, como quem diz uma graça. O latir dos cães, o ladrar alegre da matilha, o ruído confuso da gente atrás do javali, o toque das «bozinas», as vozes dos moços a gritar *é-lo vai, é-lo vai!*, tudo isto ajuda a curar tristezas e é melhor do

que o ruibarbo para curar o figado. É um espectáculo que se assemelha à glória do Paraíso. Não há então fome nem sede. E Guilherme Machado (ou melhor, Machaut) nunca fez «tam fermosa concordança de melodia, nem que tam bem pareça, como a fazem os cães quando bem correm»<sup>61</sup>.

Alguns frades ensinavam que a caça ao javali era vaidade. D. João I respondeu-lhes, com graça, que os pregadores, no púlpito, podem cair em tanta vaidade como os que andam à caça. Há perigos em tudo. O essencial, porém, está na boa intenção, pois a caça pode ser boa ou má. Boa, se para descansar e depois trabalhar melhor. E se algum monteiro morrer das feridas dum porco bravo? Ora, também isso acontece aos pescadores que morrem no mar. Monteiros e pescadores andam a ganhar a vida. Morrem, no mar, mais de mil pessoas em cada ano. E dos monteiros, «nom morre hum em dez annos», por desastre<sup>62</sup>.

Esta sátira (aliás benigna) dos pregadores que condenavam a montaria revela um juízo seguro e algo trocista, no remoque às vaidades do púlpito, com pregações subtis para dar nas vistas.

Na biblioteca del-rei D. Duarte estava a tradução em português de *O Livro do Conde Lucanor*, com boa pedagogia e muitas histórias e exemplos. Ora bem, tal obra cita-a D. João I, dela transcrevendo esta norma: «nom castigues moço mal tragendo, mas dilhe com que lhe vaa prazendo». Não maltratar os moços, antes louvá-los quando procedem bem! Moços fidalgos, entenda-se. Em castelhano: «Nom castigues al mozo mal trayendo, / Mas dile palabras con que se vaya aplaciendo». O leitor agora deve sorrir: No reino das matilhas de caça, quem são os moços fidalgos? São os

alãos, a mais perfeita casta de cães que Deus fez!. responde o rei. Um rapaz de grande linhagem não se trata como o filho dalgum azemel. Também um alão nunca se deve tratar como se fora um podengo <sup>63</sup>.

Não sabemos se a comparação entre alãos e filhos de algo foi escrita para o leitor sorrir, pois os caçadores tornam-se tremendamente sérios, nisto de cães. Mas sorrimos. E eis que chegamos à sátira dos caçadores, tão válida agora como há séculos. Lá diz o provérbio: Mentiras de caçadores são as maiores!

D. João I, de facto, não acreditava em caçadores de grandes gabos. Há sempre tendência para exagerar. Por isso, aconselha os monteiros (e ainda mais os reis) a não falar muito em aventuras de caça. Quando conversam sobre a caça no monte, «muytas vezes fallam muytas mentiras». Contudo, insiste ele, dá-se também o contrário: estranhas coisas há, na montaria, que até parecem mentira. Seja como for, tão feia coisa é a mentira que os reis não as devem dizer, mesmo por graça <sup>64</sup>. Donde se vê que também as inventavam para rir.

## 2 — O «LEAL CONSELHEIRO»

Entramos, agora, no *Leal Conselheiro*, del-rei D. Duarte. Era um leigo a escrever para leigos e a estes destina a sua obra, onde há modos sorridentes de argumentar, sátiras dos maus amigos ou dos preguiçosos, etc. À base dum sermão de Mestre Francisco, seu confessor, apresenta uma argumentação igual à da aposta de Pascal <sup>65</sup> e há certa ironia neste

conselho: Anda, aposta na vida eterna. Depois, se ela existe, ganhaste tudo. Se não existe, nada perdeste, pois viveste cheio de esperança e tiveste a alegria das boas obras.

Esta argumentação supõe o sorriso encorajador de quem anima um aprendiz de natação a atirar-se à água. E chega a parecer uma espécie de ironia cheia de lucidez, como se, no fundo, se risse da teimosia humana: Não queres apostar na vida eterna? Pois morres na mesma e perdes este mundo e o outro!

É no *Leal Conselheiro* que nos sai ao encontro a sátira venatória da gente má. O leitor vai saber o porquê do título. Conta-nos D. Duarte que as ladeiras e encostas são boas para caçar ursos. No sopé dos montes, lidam-se melhor os javalis. E as cumeadas, lá no cimo, servem mais para correr veados. Que significam, pois, estes animais? Os veados são os homens gafados pela soberba, pela vanglória e pela cobiça. Gostam de andar pelos altos dos montes. Os luxuriosos, os glutões e os preguiçosos seguem pelas partes baixas destes pecados mortais, à semelhança dos porcos molengões que não se ajeitam a outro caminho. Por fim, temos os zangadiços, os invejosos, a gente sandia ou de malicioso saber. Toda essa malta entra na classe dos ursos que têm um correr atravessado e fazem-nos mal quando menos o cuidamos, com manejos arrevesados.

Até aqui, a classificação satírica da gente má. Agora, os amigos. Todos são bons, até prova em contrário. Dos amigos fingidos e maliciosos, levar os seus ditos e feitos para o lado pior, por razões de prudência <sup>66</sup>. E já que estamos em comparações de animais (veados, ursos e javalis), o rei critica certas pessoas que, ao contrário das abelhas, se assemelham a certos «bichos» que só gostam

de comer a sujidade. São estes os leitores de más intenções <sup>67</sup>. Para acabar, temos os bêbados: umas vezes, parecem-se com os macacos; outras, com os cães, ora estupidamente alegres, ora tristes e com precisão de tornarem a beber <sup>68</sup>. A todo este conjunto, chamaríamos nós a sátira dos bichos viciosos.

Passemos, agora, à sátira da má esperança e do desespero. Com efeito, há pessoas que põem esperanças exageradas num dia de jejum, em certas orações, em nóminas que trazem consigo e em romarias, sem deixarem o caminho do pecado. Não há jejum que tenha valor sem boas obras. Além disso, temos de adorar a Deus em espírito e verdade e não forçosamente neste ou naquele monte. Quer dizer, não ponhamos a esperança principal nesta ou naquela romaria.

No polo oposto, moram os que desanimam no caminho do bem: uns zangam-se nas palavras, outros comem e bebem demasiado, outros andam atrás de mulheres, outros têm ódio ou são invejosos — e assim, ficam deitados na cama preguiçosa do seu desânimo, sem vontade para coisa nenhuma boa <sup>69</sup>.

Com estes se parecem os preguiçosos, que deixam tudo para amanhã. E quando começam a obra, pensam que o tempo é tão pouco que a não podem levar a cabo e deixam-na para outro dia. Contrários a estes são os que entram logo a trabalhar e levam depressa ao fim o que os preguiçosos não fazem em longo espaço de tempo. É que os preguiçosos perdem o tempo, dizendo que o não têm <sup>70</sup>. É uma sátira cheia de humor.

Entremos agora na sátira da hipocrisia. Há frades e ermitães que ainda amam o mundo a que renunciaram. Há cavaleiros que se vestem de beguinos, a fim de se livrarem de perigos e despesas. São dum estado e vivem

noutro, juntando as conveniências de ambos. Que esses cavaleiros jejuem, rezem e vão aos ofícios de igreja, mas que não abandonem as obrigações da cavalaria! Outros metem-se a lavrar terras e a criar gado, escolhendo as partes agradáveis de cada mester ou ofício e deixando as amargosas <sup>71</sup>.

Poderíamos lembrar, aqui, o *Livro do Amante* ou *Confessio Amantis*, citado por D. Duarte <sup>72</sup>, pois andava traduzido em português. Esta obra de John Gower, como um dia veremos, estrutura-se à maneira duma paródia da confissão. Iríamos, porém, demasiado longe, se nos detivéssemos nas traduções. Ficará para um livro sobre a paródia do sagrado, em Portugal, até final de Gil Vicente.

### 3 — O«LIVRO DA VIRTUOSA BENFEITORIA» E O AMOR SANDEU

É-nos impossível distinguir, nesta obra, a feitura primitiva do infante D. Pedro e o desenvolvimento que depois lhe deu o dominicano Frei João Verba <sup>73</sup>. Uma coisa ficamos a saber: que dar e receber são artes difíceis. Em movimentos sucessivos, o livro ensina-nos a bem proceder e critica o que há de mau nas atitudes dos homens e até nos cargos de cada um, por exemplo no de conselheiro.

Quem não folgaria de ver o seu benfeitor padecer necessidade, só para ter o gosto de o socorrer? Desta massa parecem feitos certos namorados que anseiam ver a sua amiga sofrer tribulações, para assim mostrarem quanto amor lhe têm. Está doente, vive no desamparo e

padece mínguas? Tanto melhor, por a terem mais em cativoiro. Odioso amor! Deseja para a amada o que também deseja para os inimigos. Maldade sobeja é atirar uma pessoa à água para depois a salvar! Ou deitá-la abaixo para a levantar <sup>74</sup>.

#### 4 — *SÁTIRA DAS MÁSCULPAS E DO MAL DAR*

Há quem se recuse a dar, alegando este ou aquele motivo: Não tendes regra nas vossas despesas! Dar-vos é deitar água num paúl!, dizem eles. Dar aos clérigos? Não, porque têm amantes. Aos frades? Também não, por terem obrigação de ser pobres. Aos mendigos? Ora! Eles batem a todas as portas e têm mais do que precisam. Assim, vão negando sempre, embora mostrem desejos de dar «aos melhores» e a quem precise. Contudo, nem bons nem maus levam coisa nenhuma. Lembram el-rei Antígono. Pediu-lhe um pobre que lhe desse um *marco*. E ele respondeu: Um marco é de mais para um mendigo. — Então, dê-me um *dinheyro*, insistiu o pobre. E o rei negou. Que não lhe ficava bem dar tão pequena coisa <sup>75</sup>.

Quer dizer (e agora, somos nós a comentar): Ao avarento não há por onde se lhe pegue. Escorrega-nos sempre das mãos e nada escorrega das suas.

Há quem dê, mas com tal tardança que só prejudica. Fazem-se importantes, «embruscam os olhos» e desviam o rosto. Outras vezes, fingem andar muito ocupados, inventam «stóryas grandes» e vão adiando o bem-fazer. Custa-lhes prometer, falam com aspereza e mais

enfadam com longa promessa do que prestam quando, enfim, dão qualquer coisa. Outros usam de manha, ao fazer qualquer benefício, pois desfazem na dádiva: — Tomai este cavalo, mas pouco vale! Não sabe correr, não pode saltar, tem a boca dura, anda pouco depressa...

Ora, a verdade é exactamente o contrário. E assim, louvam o que dão, sob pretexto de desfazer no presente. Além disso, há o perigo de os beneficiados terem pouca estima pelo que dão ou de pensarem que ele é meio doido. E também parece que têm o que dão em pequena conta <sup>76</sup>.

## 5 — *SÁTIRA DO MAL PEDIR E DO MAL RECEBER*

Há quem peça com louca soberba. Julgam que tudo lhes é devido e tratam os senhores como se estes devessem pagar-lhes qualquer dívida atrasada. A sua fantasia transforma um favor em obrigação. Alguns exageram a situação mesquinha em que se encontram. É um jeito muito «astroso», este modo de pedir, quer por manha quer por mesquinhez. Outros acanham-se tanto que nem podem falar. A vergonha é um freio na sua boca. Antes querem sofrer necessidades do que pedir ajuda. Outros, pelo contrário, têm a língua solta e nenhuma vergonha. Pedem como se tomassem o que lhes pertence. E se lhes negam, às vezes tornam a enfastiar as pessoas, mesmo que não precisem de ajuda. Isto evitará quem for sisudo, não pecando por sobejo nem por minguido <sup>77</sup>.



Que dizer dos que não abrem a boca, ao receberem qualquer benefício? Há também pessoas que se gabam de ter recebido mais do que receberam, só para serem tidas em grande conta. Este «ventoso fingimento» de nada serve, pois o pobre não enriquece por lhe chamarem rico. Se têm alegria nisso, ou são parvos ou sentirão vergonha da mentira. Além disso, fazem nascer inveja nos outros (e até revolta), como aconteceu a certos fidalgos del-rei D. João I, a quem certo nobre dissera que recebera o dobro. Temos, finalmente, os que se julgam rebaixados pelos benefícios recebidos. Esses querem logo pagá-los, duma maneira ou doutra, para ficarem livres daquele peso. Não parece isto coisa razoável. Procedem como se quisessem rebaixar quem lhes fez bem. A esses tais, poderíamos dizer: — Ó vós, gente perversa e de coração bestial! Porque sentis tão grande pejo do bem que vos foi outorgado? O vosso benfeitor não vos quis obrigar, fez tudo por bondade. Aproveu-lhe dar-vos ajuda, não para ficardes lembrados, ou porque espere agradecimentos. Já se esqueceu do bem que vos fez! Dizei-nos, agora, porque não quereis que o seu benefício more convosco, porque suportais esta obrigação com tão grande tristeza? Porque vos apressais a pagar-lhe, como se ele fosse um avarento usurário <sup>78?</sup>

E lá vai seguindo a invectiva contra os complexos de inferioridade, tão velhos como o homem! É uma apóstrofe quase sarcástica, com psicologia a rodos e uma velha experiência dos homens e da vida! Há gente que precisa de atirar à cara duma pessoa o bem que dela recebeu.

## 6 — *SÁTIRA DA MÁ JUSTIÇA*

O direito é o direito. Quem faz justiça não deve sujeitar-se a ninguém nem a presente nenhum. Se o juiz aceitar presentes, chamam-lhe ingrato ou ele torna desigual a balança da justiça. Onde encontrar um juiz cujo peso seja igual para os do seu bando e os dos outros? Quem não torce a vara, para não ferir a quem tem amor? Poucos são agora aqueles a quem não estorvam as dádivas. E se o juiz recebe presentes dalgum, que agora não traz demanda alguma em tribunal, note que os homens olham ao que virá depois <sup>79!</sup>

Quer dizer, em linguagem moderna, que eles não dão ponto sem nó. Hoje, não trazem demandas. Mas amanhã, podem meter-se nalguma — e o presente já lá vai adiante, a abrir o caminho.

## 7 — *SÁTIRA DA MÁ REPARTIÇÃO DOS BENS E DO ABANDONO DOS POBRES*

Desmazelam-se os príncipes em dar o devido a cada um. Não damos «moradias» aos que nos servem, não os socorremos com o necessário, não pagamos, por vezes, as dívidas aos mercadores. Faltamos, assim, à nossa honra, com perda para outrem.

Por outro lado, não basta dar. Devemos dar a quem o merece. Dá-se uma coisa ao cavaleiro e outra ao escudeiro, a cada qual conforme o seu estado, pois um tem mais gastos do que outro. De contrário, nem se aprecia a dádiva. No jogo da pela, tem de haver

proporção nos movimentos de quem atira com ela e do que a recebe. No pagamento dos serviços, deve haver discricção, para que o dom chegue a quem o recebe e seja bem recebido.

Há quem guarde a sete chaves o que podia distribuir. Se os bens deste mundo fossem razoadamente repartidos e deles se encarregassem «os que o bem poderyam fazer, nom averya em a chrisptandade mendigaria vergonçosa», nem a morte levaria a muitos, antes de tempo, por fome cruel. Que se procurem e ponham num rol os «pobres mynguados» e construam-se «çelleiros em certas comarcas», para caridosamente socorrer quem precise. E tais encarregados sejam, não os amigos mas, sim, a gente melhor e que já deu provas cabais noutros encargos.

Os príncipes tratem equitativamente o «corpo da comunidade», cuidando duma parte sem esquecer o resto. Hoje em dia, faz-se ao contrário. Lembra-nos certos médicos novatos, que põem mezinha onde está a dor, sem se importarem de «purgar o corpo». Além disso, há quem não se importe com os pobres, como acontece nos hospitais para ajuda dos «minguados», e cujos provedores não procuram cumprir os caridosos desejos dos finados que os fundaram. Já que não dão, governem bem o alheio, a fim de que «as albergarias» aproveitem às pessoas que delas precisam <sup>80</sup>.

8 — *SÁTIRA DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS  
E DOS MAUS CONSELHEIROS*

Os governantes têm obrigação de corrigir quem mal serve nos ofícios ou terras de que foram encarregados. Não nos informamos e quando, pela décima vez, chega qualquer desmando aos nossos ouvidos, fingimos que não entendemos. Suportamos oficiais menos bons, preterindo outros melhores, e a perda é nossa. Embora a estes pagássemos melhor, receberíamos tudo em duplicado. Desbaratamos com os estranhos e somos escassos com os do nosso serviço. Não sei a razão disso, a não ser falarem bem de nós lá fora. Má benfeitoria é esta <sup>81</sup>.

Já dizia Demóstenes que rara coisa é a verdade. Anda pelo mundo (quando anda!) misturada com a mentira e foi cruelmente desterrada dos paços. Porquê? Porque entre os grandes é tão desejado o louvor que a verdade fica desterrada. Falam-lhes a seu gosto e escondem-lhes a verdade, amarga no começo mas proveitosa no fim. Para os ver contentes, os maus conselheiros enganam os príncipes e levam-nos a proceder mal, com ruína dos seus estados. Assim fizeram os conselheiros de Xerxes, «palavreando» com ele em sobejos gabos e criando-lhe ilusões. Só um falou direito e tudo aconteceu como ele previra <sup>82</sup>.

## 9 — *SÁTIRA DOS QUE IMPEDEM A JUSTIÇA*

Muita gente da corte quer saber a vida alheia e mete-se onde não deve meter-se. Alguns não se envergonham de continuar ao pé do príncipe, quando alguém quer falar-lhe em segredo. Outros, suspeitando que vão queixar-se deles, chegam-se ainda mais, falando e acenando uns aos outros. Resultado, os que vêm falar ao rei ganham receio, perde-se a justiça e perde-se quem a pede. Estão outros ali para fazer pouco dos que vêm expor as suas razões. Escutam-nos de várias maneiras e trocam sinais, a ponto de os requerentes se perturbarem e esquecerem o que traziam para dizer. Nisto, quem mais perde são os príncipes, pois não sabem a verdade nem fazem justiça. E saem os requerentes tão escarmentados de «tall raposia» que ficam a pensar mal de quem governa. Deixem falar tais pessoas ao príncipe, em paz e sem vergonha <sup>83</sup>.

## 10 — *SÁTIRA DOS INVEJOSOS*

O invejoso mete peçonha em tudo. Diz ele que alguns nada merecem ou que tais pessoas recebem além do razoável. Intrigam, procuram só agradar aos senhores, em cuja casa moram, e andam sempre inquietos, a ver se deram mais a alguém do que a eles. Tantas feridas recebe quantas coisas boas vê nos outros. Anda a Inveja sempre a lamentar-se, nos paços, repetindo os versos do poeta: «Mais pam e melhor creçe a meude em o agro alheo. E os gaados vezinhos som em

grossura mais avondosos.» São versos famosos de Ovídio: «Fertilior seges est alienis semper in arvis, / Vicinumque pecus grandius uber habet.» Talvez sem nunca ler Ovídio, o nosso povo diz o mesmo, mas em forma breve e pitoresca: A galinha da minha vizinha é mais gorda do que a minha.

E lá vem outra invectiva: Ó Inveja, que trazes sempre os homens em comparações sem fim! Nenhum benefício te farta, tudo julgas pouco para ti e nunca aprecias a bondade. Quando acabarás de julgar os outros, quando olharás para os benefícios que te fazem e acabarás com o desassossego da tua roda cheia de malícia? Quanto mais recebes, mais te consomem as profundezas do teu desejo!

Ainda por cima, o invejoso não agradece, pois agradecer é acto «de homem ledo e prazivel»<sup>84</sup>.

#### IV — A SÁTIRA PETRARQUIANA DO *BOOSCO DELEITOSO*

Já nos referimos a esta obra quatrocentista, onde se descreve a viagem alegórica da alma, até às alturas da longínqua Montanha da Perfeição <sup>85</sup>. Não é, porém, na parte mística do *Boosco Deleitoso* (doutrinalmente a melhor de todo o livro), não é nela que desabrocha a flor espinhosa da sátira ou da invectiva, mas sim atrás, nas páginas influenciadas pela obra *De Vita Solitaria*, de Petrarca <sup>86</sup>. E toda a sátira reveste certo paralelismo cristão com a fábula de o rato da aldeia e o rato da cidade, já existente no fabulário esopiano, em medievo-português, publicado por Leite de Vasconcelos. Sá de Miranda retomou o velho tema. Nunca, porém, ele atingiu as profundezas do livro *Da Vida Solitária*, graças ao ascetismo da obra, ascetismo que, no *Boosco Deleitoso*, será um prólogo da subida à contemplação de Deus. Neste ponto, a obra em português supera a sua fonte de inspiração e dá um significado quase dramático à sátira da vida mundanal e dos sete pecados mortais que nela habitam. Dramático, por tratar dum jogo, digamos assim, em que vale a pena arriscar. Vamos dar o tom geral desta obra, no que respeita ao abandono da vida mundanal, em troco da vida solitária. Segue de perto as pegadas petrarquianas e quase as decalca:

Irmão, se queres livrar-te de cuidados e trabalhos, vem para a solidão e deixa a cidade aos mercadores, aos advogados, aos corretores, aos onzeneiros, aos tabeliães, aos médicos, aos boticários, aos cozinheiros, aos alfaiates, aos alquimistas, aos tosadores, aos ferreiros, aos tecelões, aos carpinteiros, aos pintores, aos jograis, aos bailadores, aos alcoviteiros, aos ladrões e a todos os que usam malas-artes, assim como aos gargantões de nariz sempre metido no comer. Deixa os ricos a contar o seu dinheiro <sup>87</sup>!

É uma vergastada em toda a civilização material e materialista, a começar em mesteres honestos (mas não sempre usados honestamente) e a acabar em bailarinos, alcoviteiros, ladrões e avarentos. E insiste, mais adiante, pela boca do «nobre solitário», Dom Francisco Petrarca: Não te enganes com a falsa bem-aventurança terreal. Aparta-te dos ricos, dos moles e dos fracos. Para eles, fiquem as praças da cidade, os palácios, os lugares desonestos, as cozinhas e as tabernas. Tu, vai para os bosques, prados e montes! E se quiseres trabalhar, cava na horta, vai pescar uma vez por outra, monta armadilhas de caça, fica ali em silêncio e espera <sup>88</sup>.

Tal apologia da vida campestre e a respectiva sátira da vida citadina começam muito antes destas palavras, que formam um motivo musical de infinitas variantes. Como é bela e sossegada a vida rural dos monges e ermitas! As cidades e as vilas estão cheias de tiranetes, simoníacos, hipócritas, gente ambiciosa, ladrões, usurários, falsários, mentirosos, louvaminheiros, palradores, comilões, bêbados, adúlteros, luxuriosos, madraços, gente impaciente, agoireiros e perjuros, enfim homens envolvidos em toda a espécie de pecados <sup>89</sup>.



Temos, aqui, uma sátira da civilização citadina, que implica um borbulhar enorme de vícios. Nela, há gente letrada, nota Dom Francisco. Porém, juntam a formosa sabedoria aos maus costumes e mostram-se tão vaidosos com as suas letras que as passeiam por toda a cidade, como quem apregoa uma mercadoria. Ora, tudo isto é sandice letrada. Como eles precisam de estar uns com outros, sem forças para viverem sozinhos! E os homens de negócios? Ainda pior! Sofrem de insónias, têm pesadelos, vivem no meio de mentiras e demandas injustas. Uma vez, zangados, outras vezes em desespero ou desanimados por não lhes correrem as coisas bem, eles não passam de tecelões maliciosos, a urdir a teia logo de madrugada, para enganarem os outros. Comparem isto com a quietação ermitica, onde escutamos, ao acordar, o canto do rouxinol, e vejam a diferença! Além disso, o homem do mundo vive entre falsos amigos e eles são uma maçada: Pedem, repreendem-no, puxam por ele e esfarrapam-no. Nos palácios dos poderosos e no tribunal, mistura ele a verdade e a mentira, oprime a justiça, torna-se desonesto para si e danoso para os outros. Por medo, dá como falsas coisas verdadeiras, cora de vergonha, perde a cor e chega a pensar que melhor fora viver no deserto ou lavar nos campos. Entra em casa sem querer que lhe falem, enquanto o bom ermita escuta os passarinhos o dia todo e canta salmos à beira das águas correntes <sup>90</sup>.

Para o nosso caso, a apologia da vida campestre tem pouca importância. Essencial, sim, é a sátira da vida urbana, sátira essa que atinge a máxima força no jantar do homem de negócios: Toda a sala ressoa com vozes desvairadas, cercam-no os parentes mais chegados (à maneira de cães de palácio) e os criados, que são como

que os ratos da casa. E já não falamos dos louvaminheiros e da gente de serviço a pôr ruidosamente a mesa! Os criados servem o jantar em baixela de prata. Há, por toda a parte, panos de seda, tapetes e tapeçarias nos muros. Em paga, os criados mais baixos andam mal vestidos e tremem de frio. Para sinal do começo do jantar, ouve-se o toque duma trompa, como se fosse para uma batalha campal! Os chefes da cozinha juntam-se aos vedores e mestres-de-sala. Chegam manjares sem conto, de carne e peixe, vinhos de várias terras ou misturados com mel e especiarias, manjares «espantosos» a fumegar, tão complicados que, só de vê-los, fica uma pessoa enfartada. Há comidas brancas e outras escuras. Umhas são doces e outras amargas. As carnes de caça e de animais domésticos lembram-nos o Caos dentro dum trinchador ou duma escudela! As comidas quentes guerreiam contra as frias, as secas lutam contra as húmidas, as duras contra as moles e umas cores contra as outras. Quem serve o dono da casa prova primeiro a comida, não vá nela qualquer peçonha! Ainda assim, a Morte continua a espreitar o homem mesquinho, cuja boca está viscosa da gordura dos molhos e carnes. Inchado, à força de tanto comer e beber, atordoado com o cheiro e as cores das comidas, o pobre homem levanta a cabeça e nem sabe onde está! No entanto, pensa em enganar, arrotta, sua, boceja, prova de tudo e tudo o enfastia <sup>92</sup>!

É uma contundente sátira social, quando se refere aos criados maltrapilhos e a tremer de frio. Por outro lado, temos nestas páginas uma crítica sorridente dos banquetes pantagruélicos e luxuosos, dignos do festim de Trimalcião, para vergonha duma riqueza estéril e

alheia à dignidade humana e à justiça. Nos intervalos, sorrimos docemente do jantar do solitário, na cabana, sentado numa cadeira de carvalho ou de faia, a beber, quando muito, um copito de vinho das «parreiras monteses»<sup>93</sup>. E sorrimos não só pelo contraste, mas também pelos óculos cor-de-rosa com que Petrarca olha a vida no campo. Watteau? Não. Antes as *Geórgicas* e as *Bucólicas* de Virgílio, embora baptizadas e traduzidas em estilo quatrocentista.

Longo é o jantar do homem de negócios. Derribam mesas, há balbúrdia por todos os lados, alguns estão bêbados, outros discutem, vêem-se nódoas de comida no chão e ossos por toda a parte. E não só nódoas de comida. Também nódoas de caldo e vinho entornado, a ponto de a sala mais parecer um açougue ou uma cozinha do que um palácio. Levantam-se da mesa, vai cada qual pelo seu caminho e o dono, que foi o capitão daquela batalha, recolhe-se aos aposentos como se estivesse a tremer das feridas, enquanto os convidados cambaleiam, abanam a cabeça e mal se aguentam nas pernas.

E que faz o homem de negócios, ao cair da tarde? Embrulha-se em maranhas, arma laços e enganos aos outros, estafa-se e não volta a casa de consciência limpa. Ao deitar-se, quase se afoga nas almofadas e custa-lhe a digerir a ceia, depois dum jantar mal esmoído. E amanhã será a mesma coisa. Cercam-no pessoas que, para ele, são algozes. Afligem-no as cartas, amedrontam-no as notícias, aborrece-se das queixas e nem de noite está livre. Os vizinhos não gostam dele, outros fazem troça, volta-se na cama para um lado e para outro e, ainda por cima, rói-o o verme da consciência.

Em medievo-português, não há outra sátira de tal envergadura sobre as desgraças do pobre rico! Adaptaram-na de Petrarca? Tanto faz. Além disso, está em português, entrou no boleio da nossa linguagem pitoresca. Trata-se do choque entre o homem culto e o homem civilizado da sociedade de produção e consumo, mais servo das riquezas do que rico. Este vive encarcerado num palácio dourado. Só que, nos homens de negócio, as grilhetas são de ouro. Nos outros, de ferro <sup>94</sup>.

Que miséria, a de tais homens! Comem sem vontade, falam quando preferiam estar calados, saúdam-no vezes sem conto, fazem-no parar nas praças e aborrecem-no com cumprimentos sensaborões. Vê uns a piscar o olho aos outros por causa dele, sente-se afogado e suarento no meio das pessoas, tudo o aborrece e, por fim, cai-lhe a velhice em cima, longe de ele esperar. Mesquinho é ele entre os pobres, não possui riquezas, são elas que o possuem. E o peso de tudo isto faz dele um camelo giboso e homem corcunda. Ainda por cima, as riquezas gastam os miolos da alma, quer dizer, secam-lhe o coração. Delas nascem a inveja, a soberba, a cólera e todos os pecados mortais. São as riquezas um deleite que atormenta e um leito espinhoso. Raramente trazem proveito, empobrecem a alma e desconhecem o nobre dom da amizade.

O mesmo dizemos dos altos estados mundanais. Nos palácios dos príncipes, todos cortam neles. Afirmam uns que ele é desleixado. Outros que é cruel. Outros chamam-lhe néscio — e assim por diante. Tantos golpes de língua ele recebe quantas são as cabeças que há no reino! Má nos parece esta vida cortesã. Por diante, louvaminhas. Por trás, enganos. E

há só escravos. Riem-se quando o senhor ri, choram quando ele chora, zangam-se quando ele se zanga, etc. Sentem inveja de quem fala ao rei, gabam os antepassados e inventam patranhas <sup>95</sup>.

Ao menos serão felizes os homens casados? Nem por isso. As mulheres querem vestidos e o dinheiro não chega. Gastam demais e ai do marido que não lhes faz a vontade! Sobram então palavras, queixas e trejeitos contra ele. Se ela toma conta da casa, fica ele às ordens da mulher. De contrário, a esposa lamenta-se, chora e usa de artimanhas até se pôr a governar. E o homem tem de a aturar! Se a mulher é bonita e casta, mesmo assim ele desconfia. E se não é casta, ninguém a pode segurar. Não há nenhum sossego <sup>96</sup>.

Os maus prelados têm pele de ovelha, coração de lobo e vontade de corvo. Vivem como porcos e pregam como anjos. Há prelados bons? Só raramente. Quanto aos párocos, duras são as suas obrigações: Ai de mim, que me calei quando não devia, não repreendi os poderosos e pouco me importei com os pobres! Sou guloso e prego o jejum. Sou rico e prego os conselhos evangélicos. E os leigos pecadores que andam pelo mundo? Ai deles e ai de nós! Sempre fortes a comer e fracos a rezar. Sempre alerta para escutar novidades e sonolentos nas vigílias. Prontos em falar, tardinheiros e mudos para cantar os salmos, zangadiços, preguiçosos na oração e invejosos. Vêem um argueiro no olho do vizinho e não vêem a trave na própria vista. Tais somos nós, pecadores sandeus <sup>97</sup>!

Também no *Boosco Deleitoso* temos algo da Dança Macabra, a percorrer em duro tribunal os vários estados dos leigos e do clero. Só escapa a vida ermitica. Tudo o

mais fica a sangrar ou mergulha no ridículo das coisas  
vãs.

## V — A SÁTIRA DO *CANCIONEIRO GERAL*

Entre a Idade Média e a Renascença, temos o *Cancioneiro Geral*, onde Garcia de Resende reuniu muitas composições antigas e do seu tempo. Prescindindo agora dos estudiosos portugueses que dele trataram, sobretudo Costa Pimpão <sup>98</sup>, lembramos *Il Canzoniere di Resende* (Genève, 1931), por J. Ruggieri, e *La Poésie Lyrique Espagnole et Portugaise à la Fin du Moyen Âge* (Rennes, 1949 e 1953), por Pierre Le Gentil. Costa Pimpão dedica algumas páginas à sátira deste cancionero cortesão. Ruggieri fala-nos, por exemplo, dos diálogos com animais, dos testamentos burlescos, das paródias religiosas e doutras poesias enraizadas nas velhas cantigas de escárnio e de maldizer. Finalmente, Pierre Le Gentil levou a cabo o que de melhor temos, até hoje, em torno do *Cancioneiro Geral*, sem também esquecer a sátira e um dos seus ramos mais irreverentes e subltis, a paródia.

Este cancionero assemelha-se a um lago onde desaguam todas as águas, ora claras ora de enxurro, umas vezes sérias outras vezes a rir à maneira do povo. Um pouco por toda a parte, reina um bom humor que nem parece duma época tremendamente heróica, lado a lado com poesias amorosas e outras para chorar, como flores de nenúfares a boiar à tona das águas. Mas foi o riso que procurámos detectar nestas páginas em todos

os tons, a lembrar-nos a saudação irónica duma época cheia de futuro. A vida era demasiado séria para não sentirem a precisão dramática de rir e sorrir um pouco. Mesmo na demanda floral de *Cuidar e Suspirar*, entram homens cuja vida não foi divertimento nenhum. Perguntas, respostas, petições, desembargos, procuradores, razoados vários, cantigas e trovas a favor ou contra (como na acusação e na defesa duma demanda ou juízo de crime), um correio do deus Amor, publicação da sentença, subtis distinções entre cuidar e suspirar, o fim de «todo processo», tudo isto nasce, em parte, do instinto de fuga para um mundo alegre, até que venham outra vez a guerra, a morte ou os mares longínquos. Não falta, porém, graça jurídica a estes versos e, nalguns deles, profundidade autêntica: «Coytado de quem alcança»<sup>99</sup>! Desta multidão de poetas e simples versistas, vamos isolar Garcia de Resende e a sua graça. No mais, seguiremos os géneros de sátira, para melhor arrumarmos o material deste livrinho.

Garcia de Resende era um homem reinadio e galante, com horas românticas de sentimentalismo e de criação musical. Além disso, cantava bem, escrevia cartas em verso, dedicou um vilancete, com música sua, a certa malhorquina e gostava de ter amigos e galhofar. Para a história literária, fique ao menos este pedido a Diogo de Melo, para lhe trazer de Alcobaça o «cançoneyro dum abade que chamam frey Martynho»<sup>100</sup>. Abramos, pois, um lugar à parte para a sátira deste poeta.



## 1 — SÁTIRAS DE GARCIA DE RESENDE

De Almeirim, manda ele notícias a Manuel de Góios, capitão na Mina, em trovas de rir —notícias de senhoras, casamentos, galanteios e até coisas tristes como a política, a guerra e certa dama «que diz quee mal maridada». Este rapsodo gorducho tem certa graça no que diz. Eis que chega à *Fala em geral* e logo principia a crítica da sociedade contemporânea e a sensação de angústia do crescimento português e dos ventos de mudança: Os negócios vêm e vão, já não há nenhum folgar e sobram os requerimentos, porque todos só querem medrar. Uns morreram. Outros mudaram de condição. Uns têm e outros não. E em geral, folgam muito de ouvir mal e pouco de dizer bem. Pessoas bem educadas, em cada feira valem menos. E que atrevimento! Na capela, os escudeiros sentam-se em boas cadeiras, à frente, e os porteiros deixam correr. Homens desconhecidos entram e importunam o rei. Bons e maus trazem os «rabos alevantados», belos capuzes «apestanados», lenços bordados e nunca saem da sala. À noite, pousam fidalgamente em Santarém. Ninguém serve de graça, todos procuram ter e mandar. Os velhos andam namorados, os mancebos têm que fazer, os casados são solteiros, os medrosos valentes e os clérigos casados. Poucos amigos. Só pensam em encher a mão. É isto o que vejo em Almeirim, donde nunca saio. E quanto a medrar, tal estou como nasci <sup>101</sup>.

Exagerava. Mas havia certa inquietação e Garcia de Resende adivinhava que a sociedade portuguesa estava a dobrar o Cabo das Tormentas. Este pessimismo não o impedia de escrever paródias, por exemplo, ao explicar a Rui de Figueiredo, o Potas, que podia ir para Almeirim,

viver junto dele: Tinha a casa sem hóspedes, mas que trouxesse pato no alforge, «touca» na cabeça, chocas em tabardo. E o moço que traga cidra, figos, peros, marmelos, uvas e melões E o mais neste tom de galhofa. Quando chegar, digam todos que ele, o Potas, foi ouvidor nas Ilhas ou médico enamorado, «cristam novo engraxado» ou marrano alcoviteiro, livreiro, mau encadernador e escudeiro, bacharel de boa casta que ensina os moços a ler, mordomo de confraria que tem chocalho à porta, pois tudo isto ele parece. No comer, fará dieta, por causa da saúde: Perdizes, capões, galinhas, frangos, rolas, vitelas, passarinhos de esparrela, pastéis e tortas são viandas que fazem mal. Coelhos, patos, cevados, cabritos, lombos de porco, veados e faisões encurtam muito as vidas. Vaca magra, isso, sim <sup>102</sup>!

Temos, aqui, a ironia verbal de inversão, em que as palavras desmentem o verdadeiro significado, obrigando o leitor a entender tudo ao contrário. O Potas ou Potes tinha grandes façanhas gastronómicas à sua espera! E emprega a mesma arte de falar ao contrário, em cantigas de amor, como quando diz a certa senhora que, se ela partir, melhor será mandar abrir a cova, para ele e para outros muitos <sup>103</sup>.

Certo dia, Rui de Figueiredo, o Potas, teria resolvido meter-se frade — ou foi coisa inventada por alguém. Garcia de Resende toma, de novo, a ironia, não de falar ao revés mas, sim, de escrever, para o seu amigo Potas, uma regra hipócrita de vida ascética: Nunca rir no mosteiro! Diurnal, breviário, contas pretas e rosário sempre na mão, mas sem rezar a nenhum santo do calendário! Disciplinas rijas, às escuras e no chão. Muitos suspiros, fingir que anda adoentado, para escapar à reza do coro. No refeitório, jejuar à grande.

No quarto, comer bem. E meter lá uma *putarram* (desculpe o leitor) do vosso agrado! Se o guardião bater à porta, metê-la debaixo da cama. É esta a «regra verdadeira» e tudo o mais é vento! Debaixo do colchão, calças de malha, capacete, luvas, broquel, punhal, um espadeirão, um chuço, uma navalha e uma boa escada de corda para subir e descer — e uma cabeleira para tapar a coroa! Assim, em noites de luar, poderá sair daquele fadário, vestido como deve ser. E então lereis pelo vosso calendário, diz ele maliciosamente para o Potas. E acrescenta: pobreza, castidade e obediência, só para a comunidade ver. Caridade, verdade e paciência, não! Sempre de olhos no chão, gabar o guardião, falar manso e devagar, eis o caminho.

Uma piada às confissões de mulheres e as últimas recomendações goliardescas: Se vos mandarem cavar, regar, ser padeiro ou cozinheiro, ponde-vos logo a gemer: — Padre, sou de compleição fraca, nem me posso abaixar e ainda menos trabalhar assim!

Até aqui, uma paródia no estilo de Gil Vicente e é inútil citar Erasmo, ou seja quem for. Liberdade medievalsca e mais nada. Depois, a sério: Aconselhai-vos bem. Muito é o mérito do frade virtuoso. O frade mau torna atrás e desmerece <sup>104</sup>.

Em resposta a umas trovas de Afonso Valente, bastante baixas e às vezes coprónimas, com alusões à sua gordura, escreveu Garcia de Resende trovas igualmente pesadas e de mau gosto, para nós. Chama-lhe tudo: podengo, gato pintado entre ursos e leões (e por conseguinte, a fazer má figura), barril da China, bacharel da Idanha, gaiteiro de tiroliro, frade maluco francês, que faz da taberna o seu convento, escaravelho, sacrista que ensina os meninos a ler e judeu que ensina a

dançar. Eram dois gordos, numa espécie de tenção em três tempos, pois foi Francisco Valente quem pôs o fecho, com uma trova sua <sup>105</sup>. Queiramos ou não, estamos ainda nas cantigas de escárnio e maldizer.

Neste género, outros o acompanhavam. Ou melhor, iam quase todos embarcados na mesma jangada, a escrever cartas joviais ou a lançar remoques. Álvaro Barreto dá notícias a D. Afonso V, com piadas a este e àquele: Nuno da Cunha é um pavão formoso... Vasco Martins farta-se de comer e não engorda... <sup>106</sup>. Noutros casos, o poeta joga com uma palavra, à maneira de João Fogaça, a recomendar um frade <sup>107</sup>. Certa vez, mofam da contradição de João Grande ser bastante pequeno <sup>108</sup>. Etc. Deixemos Garcia de Resende e agrupemos os géneros de sátira.

## 2 — SÁTIRA SOCIAL

D. João Manuel, à maneira de Garcia de Resende, criticou os males da sociedade contemporânea, numa *falla* sobre o que ele nunca viu: Nunca viu amizade entre privados, nem gente mais enganada do que os reis e príncipes; nem igualdade, nas leis, para grandes e pequenos; nem engraçadinhos que não fossem maldizentes; nem bons parentes, da parte da mulher; nem homens remexidos que fossem sisudos; nem maior pequice do que uma pessoa casar com mulher feia — e assim por diante, *contre tout le monde et son père*. Quem precisar dum bom despacho, meta empenhos! Homem de grande corpo, coração pequeno. Nenhum santo canonizado foi grande caçador (e nisto engana-se, pois

foi-o S. Alberto Magno e nunca de tal se arrependeu); etc.

Tem ironia cáustica, este D. João Manuel: nunca vi imperador mais ativo do que um vilão; nem alquimistas ricos; nem trovador que fosse parvo. Por vezes, entra no foro da religião, ora sentencioso ora escarninho: nunca vi melhor arte do que a que ensina a bem viver; nem bispo visitar o seu bispado <sup>109</sup>.

É uma sátira de maldizer e bendizer, com um mesmo sorriso desencantado a envolver o mundo e com a lucidez de certas máximas de La Rochefoucauld.

Por seu lado, o coudel-mor Fernão da Silveira dava ao sobrinho um guia irónico para se desenrascar no paço real: sapatos de Basileia, capote bem folgado na barriga, e boa peitaça, luvas de pele de lontra — e ninguém se ria de quem anda bem trajado na corte. Só assim poderá falar grosso e agradar às senhoras. Jogos e mais jogos, afirmar sem medo, fingir de subtil, falar em feitos de guerra, isto sim <sup>110</sup>. O coudel-mor ri-se da leviandade cortesã, mas tudo em tom sério. Quem o não entender, pensa que ele compôs, em verso, uma arte de ser como toda a gente.

As coplas de Álvaro de Brito Pestana constituem uma sátira sangrenta à pestilência moral de Lisboa: Que os quadrilheiros limpem as esterqueiras lisboetas de maus costumes. Castiguem! Vale mais isso do que solene procissão ou qualquer romaria. Pretendem uns ser almotacés; outros, juízes. Tudo para se encherem de coelhos e de perdizes. Têm as mesas cheias, sem compaixão de ninguém, e comem as viandas alheias dos pobres e dos *mesquinhos*. Oferecem peitas e levantam descomunais «estercos de confusões». Limpemos Lisboa de blasfémias, de falsas profecias, de seitas, de

«mouriscas geomancias». Não me espanto dos moços, mas sim dos velhos sandios. Judaísmo disfarçado, gente que vive sem trabalhar, negócios porcos, usuras e simonias — disto ninguém faz caso! Os estrangeiros «levam desta nossa terra» ouro e prata, «nossas bolsas aliviando» e fazendo-nos guerra em paz. Levam ouro, trazem pau. Flamengos, genoveses, florentinos e castelhanos vão-se a rir. Não há vergonha nem consciência, cada qual busca os seus interesses. Os casados têm barrégãs, as casadas fazem o mesmo e há frades «com freiras louçãs». E assim, damos «hábito mourisco» à lei do casamento. Mourisco e bastardo. Alcoviteiras e beatas falsas perdem muitas mulheres. Clérigos de linguagem austera cometem pecados bem piores. Igrejas, ermidas, mosteiros, tudo eles devassam e, por amor de mulheres, brigam e tornam-se guerreiros namorados. Engrolam as horas canónicas (à maneira do *Clérigo da Beira*, de Gil Vicente, acrescentaríamos nós). Nos púlpitos, interpretam a Sagrada Escritura como lhes agrada. A tal respeito, Álvaro de Brito não está com meias medidas: Dêem-lhes todos no focinho, «tais metáforas contrastem / e deslouvem».

Vemos erguerem-se todos os pecados mortais, como se Lisboa fosse uma hidra de sete cabeças demoníacas. Temos aqui luxúria para danar mil cidades ou três mil vilas! Nem todos são maus. Mas no geral, anda tudo por baixo e não avisamos ninguém do lodo que os suja. E outra vez, as burlas hebraicas.

Há juízes que torcem a verdade. Nunca vi tantas medidas e palavras que voam, como plumas, na fantasia! Diminui a confiança e não enxergamos a verdade. Somos presumidos em falar, mas cheios de medo «para seguir / o que devemos». Todos querem mandar e ser

servidos. Obedecer e trabalhar, não. Vaidade! Somos «como quem sonha / grandes feitos», sem forças para isso. Clero, nobreza e povo, todos trajam igual. Ora, só em amar a Deus devemos ser iguais e não em vestir ou calçar. Que luxo, quantos nobres sem dinheiro e desamparados! Antigamente, não. Viviam todos «ordenados, compassados», cada qual conforme valia. Gente discreta, as suas opiniões «eram fundadas / em certeza». Nenhuma altivez e todos procuravam o bem comum. Porém, o tempo deu «outra volta». Mente-se para obter favores, «cremos palavra sem prova» e tal simpleza tornou-se costumeira. No governar, que sujidade notória! Limpem Lisboa de tais monturos «e fedelhos desonestos». Sinto vergonha de «reprochar» mais coisas. Pouca sorte, fraco siso, fraca renda e muita despesa é esta a *vianda* que tenho à mesa. Anda tudo lá pelo fundo, as minhas casas ardem — mas os sofrimentos deste mundo são mercês, se os levo por amor de Deus!

E numa saudação final a Luís Fogaça: Que Deus vos faça conforme desejais. Por mim, ando às voltas com a pobreza e ela entristece-nos. Passar por sisudo e «manter estado», só o consegue quem é rico <sup>111</sup>.

Escrita no último quartel de quatrocentos, esta sátira do antigo comandante dos espingardeiros do rei, em Alfarrobeira <sup>112</sup>, revela-nos um moralista de primeira classe, embora haja nele o azedume de quem vê subir a geração nova e ele, carregado de anos e trabalhos, ficar sozinho, em baixo. Ele e a sua grandeza-por-dentro, sem recompensa e sem dinheiro. A sua língua destravada ajuda-nos a compreender Gil Vicente e a atmosfera em que então se vivia.

Um dia, mandou-o el-rei falar com o esmoler. O poeta respondeu-lhe, em verso, «que quem merece mercê / não espera por esmola». Tinha razão, mas faltava-lhe poder calar-se. Graças a Deus! Por isso, perguntou um dia ao Prior do Crato se os lanceiros eram anjos para viverem sem comer <sup>113</sup> !? Pediam-lhe soldados e não lhe enviavam dinheiro para os gastos!

Sobem agora ao palco os famosos arrenegos de Gregório Afonso. Também ele arrenegava de «tout le monde et son père». Arrenego de Mafoma e dos mouros, das festas sem proveito, da justiça por dinheiro, dos palradores e dos que neles acreditam, dos maridos às ordens da mulher, dos chocarreiros e de quem lhes paga, dos letrados de saber inútil, do jejum por falta de pão e do amor sem esperança (lá vai pela água abaixo boa parte do amor cortesão!). E arrenego também de quem dança sem música, das mulheres bonitas com acções feias, da candeia que alumia pouco, dos namorados que, tendo tempo, «não pegam», dos avarentos, dos cornudos que sabem que o são, da comida sem bom vinho, dos pregos mais macios do que o pau, do cavaleiro que não tem de comer, das alcoviteiras, dos mentirosos, dos homossexuais, dos que nunca leram boas coplas e até «renego se não me temo / de dizerem que praguejo» <sup>114</sup> ! E haviam de dizer.

Era este um género denso de sátira cósmica, em que vai tudo raso, como diz o povo. Não se poupa ninguém nem coisa nenhuma, inclusive os pregos mais macios do que o pau!



### 3 — SÁTIRAS CONTRA OS JUDEUS

O anti-semitismo literário, pelo menos até D. João II, teve sempre menos força em Portugal do que em Espanha. Ainda assim, escutamos as queixas do velho Álvaro de Brito Pestana, a pedir que se limpem as freguesias «de malícias / e das torpidades suas / que correm das judiarias» subreptícias. E mais adiante: «Burlas hebraicas, subtis, / danam verdades latinas, / ensaiando agudos costumes vis, / desensinos por doutrinas / ensinando.»<sup>115</sup>

Nota-se, aqui, o receio das subtilezas judaicas a que se juntava a sua influência económica e intelectual. Álvaro de Brito afirma ser grande tal influência nos letrados portugueses:

Maa ora vymos judeus  
e os seus modos viventes  
aprendemos,  
por sotys enlyços seus  
em todos maaos açidentes  
nos metemos.

[.....]

Nysto caem os letrados  
e os outros entendidos,  
todos querem  
dos judeus ser avisados,  
servidos e perçebidos;  
nem esperem,  
em cabo de seu servyço  
se nam dano<sup>116</sup>.

Eles diminuem a força da nossa fé, insiste o poeta, e os portugueses vão ganhando «maneiras judengas». Judeus e marranos atentam contra os «justos pesos e balanças» da justiça. Racismo? Não. Estava longe de atacar os conversos de fé sincera. Esses eram até apóstolos:

Por marranos nã desamo  
os que foram judeus, sendo  
cristãos lyndos,  
mas apóstolos lhe chamo.

Marranos eram os baptizados que marravam na fé cristã, como infiéis, presos à Lei Velha «dos negros Abravanees» doutrinados <sup>117</sup>. Um deles, Isaac Abravanel († 1508) nascera em Lisboa e era grande escriturista, defendendo sempre o judaísmo. D. Afonso V consultava-o em negócios de monta. Mais tarde, fugiu para Castela e depois foi parar à Itália. O filho dele, Judas Abravanel, tem o nome de Leão Hebreu, na história da filosofia. Mais tarde, veremos Samuel Usque expor, no final da *Consolação às Tribulações de Israel* (Ferrara, 1553), as doutrinas da metempsicose, ensinada, antes dele, por Isaac Abravanel.

Se Álvaro de Brito acertava contra os Abravanéis, já não diremos o mesmo do seu ataque ao alfaiate cordovês, o poeta Antón de Montoro, autor conhecido e festivo de obras burlescas. Este converso era cristão a pedra e cal, nunca renegou a sua profissão de alfaiate nem a sua raça <sup>118</sup>. Os exageros palacianos duma cantiga sua, em louvor de Isabel a Católica, não justificam o insulto de *ereje* nem de blasfemo, que lhe atira Álvaro de Brito <sup>119</sup>. E ainda menos se justifica o desprezo pelo

ofício de Montoro, chamando-lhe *dom roupeyro*. E ao afirmar que ele mostrava ser *neto de mil judias* e ter a língua *marrana*, esquecia-se de que neta de mil judias era também a Virgem Maria, que ele, A. de Brito, pretendia defender.

Por seu lado, o camareiro-mor D. João Manuel declara nunca ter visto mais certo alcoviteiro do que um médico judeu, nem ter descoberto judeu que fosse *gram letrado* <sup>120</sup>. Isto deve ser miopia do poeta, pois havia grandes intelectuais judeus, sobretudo em Espanha.

Gregório Afonso arrenegava também «de quinhentos / ou de todos os judeus» <sup>121</sup>. Eis-nos, porém, diante dum acontecimento cómico. Pero de Sousa Ribeiro mandara fazer uma linda fatiota na judiaria, andava por lá grande reboiço e Anrique de Almeida parodia as exclamações judaicas:

Dizem quem vem e quem vay,  
c'ouvem grande arroido,  
chamam judeus *adonay*,  
as judias dizem goay  
com cristam tam atrevido <sup>122</sup>.

Inocente, esta paródia. E o reboiço era talvez inventado. Quanto a Aires Teles, esse fala mais de dinheiro, por exemplo contra o converso Jorge de Oliveira, rendeiro da chancelaria, que não perdoava nada de nada aos 12 000 reais devidos por Jorge de Melo <sup>123</sup>. Jorge de Oliveira não deixava «leira nem beira», vinha em linha recta «dos que prenderam a Cristo». Era um *truão*, prestes a esfolar um cristão, com a sua integridade legal. Em trinta estrofes, umas atrás das outras, em memória dos trinta dinheiros de Judas, todos batem nele. Até fingem que os cristãos-novos lhe dão

conselhos. No fim, gritam-lhe, do Inferno, para ir também povoar aquela *caldeyra*.

Havia também paródias antijudaicas, como a de Anrique da Mota a certo alfaiate judeu de D. Diogo, a quem furtaram um cruzado no Bombarral. Até as lamentações e vocábulos têm sabor judaico:

Goayas, que sam destroçado,  
ay, adonay, que farey,  
poys que quys o meu pecado  
que perdy o meu cruzado  
que por maas noytes guanhey.  
Goay de mym, onde m'irey

[.....]

Guyzeraa, que gram tristura,  
ó quem ante nam naçera <sup>124</sup>.

É uma paródia ao choro do judeu pelo dinheiro perdido, uma troça que não acaba mais e a que não falta uma oração ao Espírito Santo. Acredito nele porque *mo metem em cabeça!* É a oração tem certo ritmo de reza popular:

Adevinha, m'adevinha  
tu, senhor, quem me levou  
hum cruzado que eu tinha  
pera dar a molher minha,  
que nam sey quem mo furtou.

Segue-se o julgamento da queixa em tribunal (quem lhe roubaria o cruzado?) e vem logo a sentença parodiante do juiz, a fazer pouco do converso <sup>125</sup>.

A melhor poesia antijudaica pertence a Luís Anriques, por causa de certa moça. Andava ela de amores com um judeu alfaiate, ele converteu-se e casaram ambos. Foi isto antes da conversão geral (digamos assim) dos judeus em Portugal. Vamos dar, em prosa breve, o tom da paródia: —Em má hora nasceste e em má hora vivereis vós, que escolheste *gay* (ai!) de vós, esse *mazal*. E eu a chamar-vos senhora! Que achaste vós no *ahanamym*, para vos enamorardes? Rezar bem o *tafalym* ou jurar pelos dez mandamentos, ou dar vivas ao rei? Achaste-lhe graça em rezar o *baraha* ou em ser diligente na ida à *minaha*? Em guardar o sábado? Catarina, como fostes tão mofina e má, ainda por cima? Pareceu-vos bem o *cadoz*, ao ouvi-lo alguma vez? Ou enamorou-vos a sua voz, quando cantava na sinagoga? Quem vos visse presa a uma sogá e açoutada! Agradou-vos o seu meto-me *nelduy*? E dizer também *huy*, isso não vos aborreceu! Ai, Adonai vos meteu e *Çabaó* não vos tirou. O que muito vos agradou não vos cheirou a bodum! Que vos levou a deixar-vos convencer? Deram-vos a comer pepino grande, amarelo, melão muito maduro, com metade de marmelo verde-escuro, dos que lançam no monturo? Ou perna de galo com gravanços? Achá-lo-eis galante? Mas tem nariz de rolha, má cara e é um pouco ajudengado no falar. Além disso, foi circundado, «como folgastes saber», atira graças sem lhe caírem os dentes e é crespo. Enfim, uma ovelha. Mas uma vez que estais casada, segui com jeito por esse caminho, pois a tais pessoas nada pesam as «cousas da judiaria». Preparai-lhe a carne da ceia,

dizendo *Adonay*. Aprendei a fazer *hanbria*, que é vianda a seu gosto. Como ele gostaria de ter *alboudegas* (albodegas) ao jantar e à ceia!

Como tantos judeus de Espanha, também este empregou alguns termos castelhanos, além dos judaicos. Luís Anriques lembra-nos que *maraxevall* é comida quase tão boa como as favas. Aconselha a moça a faltar o marido com *cerizas* e não esquece o pão *çençenho*.

Ensina mesmo práticas judaicas à rapariga, mas com graça, entre elas uma oração para a bênção do pão:

Baru ata adonay eloeno  
sam as palavras que diz;  
amoçy leha minariz,  
lhe responderes...

E acrescenta: Já vos aconselhei, Catarina. Agora, vou dar-vos uma notícia que vos fará morrer de pena:

Vosso bem nã tem bezys,  
que sam companhões em abraico <sup>126</sup>.

Assim mo jurou certo judeu!, insiste Luís Anriques. Francamente, dizemos nós, não valia a pena estragar esta pequena sátira com a alusão obscena aos testículos. Mas enfim, era tudo para o leitor rir e não tanto para ofender essa poética e apaixonada Catarina.

#### 4 — *CONTRA AS MULHERES*

Nem sempre as sátiras contra as mulheres implicam misoginismo sincero. Dizer mal deles, em verso, era

uma forma de gracejar em torno dum tema agradável. Além disso, os poetas desabafavam e atraíam as atenções das senhoras magoadas.

No entanto, descobrimos misoginismo autêntico em certas poesias de circunstância e na pornografia, onde fermenta um desprezo autêntico pela mulher, objecto de prazer. É o caso de João Roiz, a quem certa senhora falara dum sonho de três mulheres nuas a comer peras, na companhia do poeta. Ora! Se fosse verdade, havia de rir-se. É logo três senhoras! Até perdera o apetite <sup>127!</sup> Por sua vez, Diogo Fogaça pede a uma dama para andar com o «rabo queto». Era sinal de não lhe chegar só um homem. Que ande com o rabo quietinho <sup>128!</sup> Este conselho vai-se repetindo, como se Diogo Fogaça visse, nesses reboleios, um sinal infalível da maldade feminina.

Eis-nos, enfim, a braços com as trovas de Jorge de Aguiar, expressamente *contr'as molheres*:

Esforça, meu coraçam,  
nom te mates, se quiseres,  
lembre te que sam molheres.

E por aí fora: Lembra-te que, até agora, todas elas erraram. Nenhuma delas gosta de quem o merece! Anda, goza, lembra-te que são mulheres! Não chores. São vingativas. Vêm ao mundo sem razão, nunca esperes que a tenham, lembra-te que são mulheres! Firmeza no teu amor? Não te mates em vão. Quanto mais as quiseres, mais verás que são mulheres. Sempre foram assim, deixa-as com o seu feitio e nada esperes, lembra-te que são mulheres! Matar-te? E ela que se importa? Por onde fores, vai apregoando que elas são assim. Por causa duma, perdeu-se a Espanha. Por causa

doutra, foi Tróia destruída. Desabafa, coração, não desesperes, pois quem fez pecar Adão foi a mãe destas mulheres <sup>129</sup>!

Nuno Pereira queixa-se das senhoras a Lançarote de Melo: Perdemos tempo, gastamos dinheiro em vão e só temos maçadas. Elas julgam que tudo lhes é devido. Com a família, é outro caso. Elas que se riam à vontade. Casai-vos <sup>130</sup>!

Em rigor, pouco vemos aqui em desfavor das mulheres. São versos contra certo amor estéril e cortesão, cheio de maçadas e sem resultado. Muito egoístas, elas!

D. Rodrigo Lopo, sem papas na língua, soube dum rol de 60 homens casadoiras, feito por senhoras. Alguns deles tinham mais de 60 anos. Prudentes eram as senhoras que escreveram o rol! Com efeito, esses velhotes pouco durariam <sup>131</sup>. E elas ficavam ricas e novas, para depois casarem com jeito!

## 5 — *PORNOGRAFIA PARA RIR*

Nem sempre é pornografia a valer. Lembra-nos certas anedotas tabernárias ou de soldados, num público só de homens. A intenção, muitas vezes, está longe de ser sexualizante ou imoral. Há, nelas, uma espécie de catarse pelo riso. Há ou, pelo menos, pode haver. Muitas vezes, porém, tais poesias não passam de sexualismo boçal, com descrições tão asquerosas das partes íntimas da mulher e do corpo deformado pela gordura ou pela idade, que delas resulta a repugnância física.



Diogo Fogaça, sem cobro na língua, arrenegava de certa dama gorda que tombara em cima dele e para mais ainda lhe ralhou. O poeta chega a uma ferocidade verbal incrível, pondo nas estrofes este fecho sarcástico: tudo, nela, é *cu e mamas / e barriga*. Aquilo parecia uma barca a meter água pelo fundo, *gordura sobresalente* e a quilha podre remendada com um odre <sup>132!</sup>

Por seu lado, o coudel-mor Fernão da Silveira, a quem certa moça pedira um par de tamancos, pergunta-lhe, em verso, a medida do pé e por aí acima <sup>133</sup>, num tom que vai da galanteria atrevida à brejeirice pornográfica. E ao agradecer a escrevaninha à cunhada, que trazia o *cano no tinteyro, tudo junto pegado*, diz-lhe que tal escrevaninha o perturbava, por lhe lembrar a *feira d'encarnação* <sup>134</sup>. Uma jóia! E ei-lo entre o sagrado e o profano, a poetar atrevidamente, à base do tinteiro, do cano, etc., num jogo mental onde entram os órgãos genitais e a festa de Nossa Senhora da Encarnação. Escrever isto a uma prima, mesmo em verso, teria alguma graça entre homens. Se a tivesse. Não, porém, dito a uma senhora.

Rui Moniz agradaria numa taberna de viela, entre homens gabarolas: Vós sabeis que eu dantes vos *coçava* (ter relações sexuais) e, quando me aprazia, *em asso vos cavalgava*. E assim por diante <sup>135</sup>. Trata-se de poesia machista e pornográfica, unida a um desprezo enorme pela mulher. Ele e ela fazem juntos a mesma imundície. Mas só a mulher fica aviltada, no conceito de tais pessoas.

Tornando a João Fogaça, explica-nos, por miúdo, como podia dormir (e não só dormir!) com mulher pequena. Por sinal, que tudo corre muito bem e ela *fala mill aravias*, que não gabo aqui <sup>136</sup>.

O homem e a mulher de sempre, eis o *Cancioneiro Geral*, no melhor e no pior. Fernão da Silveira conta que certa dama, ao beijar D. Rodrigo, *meteo lhe a lingua na boca*. Ia-lhe escalavrando a campainha, lá ao fundo, e quase morreu sem fôlego! Havia, por outro lado, mulheres lésbicas, entre elas certa rufiona que beijava D.<sup>a</sup> Guiomar à maneira dos homens. A descrição, por D. João de Meneses, lá vai indo, brutalmente desnuda, falando em *antrepagnar* e perguntando à mulherona se era fêmea ou macho. Neste caminho de Sodoma e Gomorra, ajuda-o primeiro Fernão da Silveira e fala depois Rodrigo de Castro: dêem-lhe outra *machoa* ou capem-na! E já chega para o leitor fazer ideia <sup>137</sup>.

Da mesma obscenidade é a poesia do coudel-mor Anrique de Almeida às damas, por uma delas ter dado à noiva *o sexo de dona Lucrecia*, instrumento erótico que aliás já aparece nos cancioneros mais antigos. Nisto de sexualismo, não há nada de novo debaixo da roda do Sol <sup>138</sup>.

Enfim, havia as graças frescas sobre a noite de núpcias. D. João Pereira foi passá-la na pousada de João Saldanha. Porque foi? Porque não foi? Nuno Pereira afirma que o noivo, à ceia, achara um rabo de porco. Mas, por mais que o esfregasse, *nam pode fazer vyrote*. E o resto pelo mesmo estilo <sup>139</sup>, a declarar que o noivo não esteve à altura da situação. A sério? Julgamos que não. Ludismo pornográfico, cujo gosto dependeria do feitio do noivo e da sua confiança com o poeta. Há pessoas de tal simpatia que todos gracejam delas e com elas, sem ninguém as ter por tolas. Ainda assim, não são estes versos para meninos de coro.

## 6 — COPROLOGIA SATÍRICA

Sobretudo no século XVIII, a coprologia poética adquiriu, em Portugal, certa perfeição de forma. No *Cancioneiro Geral* encontramos, por vezes, um sorriso irónico e palaciano a tornar menos repugnante a descrição fecal e outras descrições mais ou menos afins. A melhor das poesias guardamo-la para o fecho destas páginas pouco aromáticas.

Os *porquês*, achados no Paço de Setúbal, terminam porcamente. Neles ordena o poeta que se ria quem nos versos achar alegria. E quem não achar, vá-se beijar *onde li'a pele faleçe*<sup>140</sup>. Não explicamos. Todos sabem onde é.

Na companhia do rei, embarcara certo barão, a caminho de Almeirim para Lisboa. Destemperou-se o estômago do pobre homem e saltou numa ilhota do rio, «a fazer seus feytos». Ali pôs tudo «em monte». Como S. Pedro, deixou o barco e as redes e fez «os milagres que vedes», ante el-rei nosso senhor<sup>141</sup>. Só vomitar? Talvez não. Seja como for, não se trata de coisa limpa.

Nas trovas de Afonso Valente e Garcia de Resende, ouvimos esta frase: O vosso traseiro (ele emprega só duas letras) vai de margem a margem, como o Tejo. E em alta dança, já vos vi com essa pança mui atento e «o som era de vento»<sup>142</sup>. Tais coisas dizem-se em poesia. Mas explicá-las seria de mais.

A mais representativa destas poesias mal cheirosas escreveu-a o conde de Vimioso e outros cortesãos a certo capitão destinado a acompanhar o conde de Tarouca à Turquia. No serão del-rei, meteu-se o capitão «em hũa chiminé e fez seus feytos num braseyro». Devia levantar-se um pivete medonho. Atrevido feito, na verdade!, exclama o conde de Vimioso. Na Turquia, será

ele um Aníbal e levará a cabo façanhas de Pompeu. Na verdade, realizou tal façanha que deixou na sombra outros heróis. A chaminé estava longe, o soalho correu grande risco, mas o capitão aguentou a pé quedo. Por sua vez, D. Gonçalo Coutinho declarava, muito sério: Duas onças de serão, em noite fria, são melhor purgante do que cinco onças de escamónea. E se for homem de pé lesto, num braseiro fará ele o que eu não diria...

Os poetas vão depondo uns atrás dos outros, cada qual com a sua farpa. Disse-lhe o diabo que o tornaria invisível. Mas, *fedial*! Se ele for a Veneza, vá em navio despejado, para se «despejar». Se aquilo fosse numa sala, ninguém lho perdoaria. Enfim, descobriu-se agora ser possível fazer tais galantarias num braseiro. Valeu a chaminé, por onde se escapou tudo, pois era tão desmedido o grande olor que saía, que por toda a parte rescendia. Com o traseiro, fez mais estrondo que dez peças de artilharia. Será melhor levar na mão um «privado» (penico) de barro ou de madeira, como quem leva cadeira para ouvir o sermão. É que nem sempre há um braseiro à mão! Como parecia grande o que no braseiro cheirava mal! Nunca houve purgante assim. O ar tresandava com a galantaria e haviam de imaginar que eram namorados! Não! «Quem em tal lugar cagou, / teve mayor coração» e a mais se aventurou do que João André, que matou o duque de Milão. Por fim, vem a desculpa do capitão: Diz Mestre João que nada foi o que fiz, para a minha compleição «danada»<sup>143</sup>.

Bocage e as suas anedotas (verdadeiras ou apócrifas) mostram-nos a popularidade e a resistência deste género literário. Só que as desgraças do homem-do-braseiro elevam-se a verdadeira literatura, apesar de tudo, e

ultrapassam as anedotas coprónimas, em prosa ou em verso.

### 7 — O RISO E O VINHO

Não têm conta as canções báquicas, em latiu goliardo, em *román paladino* (como dizia Gonçalo de Berceo) ou nas duas línguas:

Or hi parra:  
La cerveyse nos chauntera  
*Alleluia!*  
Qui que en beyt  
Si tele seyt com estre deyt,  
*Res miranda!*<sup>144</sup>

A taberna, a pinga e o jogo, eis o centro da poesia báquica, como nos versos dos *Carmina Burana*:

In taberna quando sumus,  
Non curamus quid sit humus  
Sed ad ludum properamus.

Sim, não se importavam muito com a vida e punham-se a jogar. E não só jogar. Também cantar. É ouvir os estudantes alemães, ainda hoje. Foi em versos latinos, à maneira dos clérigos vagabundos, que o Prof. Platzeck resumiu graciosamente a *Ars Generalis* luliana, há pouco tempo.

Em Portugal, era algo diferente. Contudo, temos poesias quatrocentistas inspiradas no vinho ou na taberna — ou centradas à sua volta. Com efeito, o

*Cancioneiro Geral* fala-nos duma pousada em Almeirim (e não havia pousada sem vinho), donde Álvaro de Sousa, Rui de Melo, Álvaro Barreto e outros fidalgos enviaram motes a Garcia de Resende, para ver que *pipa* ele era. E um dos motes dizia: «Pareçey's tonel passareiro»<sup>145</sup>.

Teve Anrique de Sá o bom gosto de oferecer a Diogo Brandão um «presente de vinho», com uma estrofe a dizer, em substância: Senhor, protesto que, embora vos bem saiba este vinho, não vos convidarei a vós, nem a ninguém, para beber o resto. E para que vejais que sou melhor para vós do que vós para mim, mando-vos este vinho a provar. Do vinho que fica, não tendes cuidado, pois a ele me «memfesto». Quer dizer, a ele me confesso. E de que maneira!

Respondeu-lhe Diogo Brandão em rimas do mesmo tom, disposto a beber o vinho (sim gostou!) e a atestar-se ainda mais de tal pinga<sup>146</sup>. É termo de adegueiros, ainda em uso, *atestar* ou acabar de encher uma vasilha quase cheia.

No género, o maior destes poetas é Anrique da Mota. Conta-nos ele que D. João de Noronha e seu irmão D. Sancho foram confessar-se a S. Bernardim, pela força do Verão, na companhia do gordo vigário de Óbidos. Jantaram no lugar dos Geraldos, mas faltava ali o vinho. A tão funesta aventura dedicou Anrique da Mota uma paródia (por vezes do sagrado): Fazia calor em S. Bernardim e cantavam as cigarras: «a çegua regua a cantar»... Antes uma excomunhão! A alma aproveita pouco e o corpo fica em mau estado. Mas enfim, bebe-se da parte da manhã, na Atouguia ou na Lourinhã, por causa dos ares corruptos. E o vigário de Óbidos rezava:

hum resposso que dizia:  
*libera me* do Giraldo.  
*In die illa tremenda,*  
quando for o çeo movido  
e o vinho faleçido,  
que nam achem quem no venda,  
nem fiado, nem aa tenda.

Que terrível penitência fora a viagem daqueles gordos três reis magos que sabeis, a caminho de S. Bernardim! E o frade todo contente na sua cela fresca!

Como lastro, permanece no leitor a ideia central do desapontamento, quando entraram na taberna dos Geraldos <sup>147</sup>. Mas no cimo desta pirâmide mais eu menos báquica, está a bela paródia dum pranto, na boca de certo clérigo, a quem se derramou o vinho da pipa e atirava as culpas a toda a gente, lamentando-se comicamente, num mistifório de reminiscências bíblicas:

Ay, ay, ay, ay, que farey,  
ay que dores me çercaram,  
ay que novas me chegaram,  
ay de mym, onde me yrey.  
Que farey, triste mezquinho,  
com payxam,  
tudo leva maa caminho,  
poys que vay todo meu vynho  
pelo cham.

Oo vinho, quem te perdera  
primeyro que te comprara,  
oo quem nunca te provara  
ou provandote morrera.  
Ó quem nunca fora nado  
neste mundo,

pois vejo tam mal logrado  
hum tal bem tam estimado,  
tam profundo.

E o pranto vai-se alongando: Ó pipa desditosa, de fogo sejas queimada, por teres tão mal guardada esta rosa! Ó arcos que afrouxastes, ó aduelas de maldição, ó tanoeiro vilão e desalmado! É tua a maior culpa, pois levaste o meu dinheiro, mal levado!

Volta-se agora o clérigo para a criada negra, chama-lhe «perra de Maniconguo» e ameaça derreá-la. Ela, porém, responde-lhe na sua algarviada e defende-se como pode. Que não berre!:

A mym nunca, nunca mym  
entornar,  
mym andar augoa jardim,  
a mym nunca sar roym,  
por que bradar?

Tem certa graça a discussão entre o clérigo e a negra e talvez servisse para o palco. Afinal, o culpado era o clérigo e a escrava tinha razão: Ele chamava toda a gente a beber do pipo e não o tapava. Coitada, «mym morrer»!

Noutro lugar falaremos da paródia do sagrado, que volta de quando em quando: «Oo vós outros que passays / pelas vinhas, / respondey»... Depois finda o pranto, em forma de vilancete, como diz o autor:

Pois nã tenho aquy parentes,  
*saltem vos, amici mei,*  
chorareys como chorey.



Choreys a minha pipa,  
choreys o anno caro,  
choreys o desemparo  
do meu bem de Caparica.  
E poys tanta dor me fica,  
*saltem vos, amici mei,*  
choreys como chorey.

Vêm, pois, os amigos a consolar o clérigo. E tanto o vigário como Álvaro Lopes e o almoxarife terminam com versos quase iguais. Sim, também eles choravam a desgraça da pipa! Só o juiz dos órfãos muda a substância do verso final e diz: «eu vos consolarey». O cabo de tudo pertence ao clérigo:

Todo género honrrado  
em que vertude consiste,  
ajuday chorar o triste  
que jaz aquy emtornado.  
E poys eu, por meu pecado,  
pera tanto mal fiquey,  
pera sempre chorey <sup>148</sup>.

Bela paródia, na verdade, à maneira dos prantos parodiais, entre eles o de Maria Parda.

## 8 — *O RISO EM TORNO DOS BICHOS*

Homens e animais andavam juntos, naquele tempo, mais do que hoje. Além da caça e das matilhas de cães, mulheres e homens precisavam de cavalos ou ao menos dum burro. O rei proibira as mulas e Rui Moniz

troçava do couteiro João de Barbedo: Que comprasse um cavalicoque (um rocinato) de pouco dinheiro e magro, para depois o engordar com farelos. Tal seja a cor que logo se note entre os demais cavalos. O freio que aperte bem, porque senão escapa-se a cavalgadura. Ponha-se nas patas dianteiras «e na boca sangue faça, / traqueje como çegonha».

O mais vai indo no mesmo estilo: sela, arreios e que o cavalo leve o rabo atado alto e a cilha desfiada, etc. Capa contra a chuva, botas bem pregueadas e chapéu de feltro.

Tudo isto muito a sério, embora para se rir do couteiro. Ironia ao revés. Ao abalar da pousada, que toda a gente se arrede! E no caminho, se o cavalo não estiver para correr, que siga como quiser. No entanto, cuidado, não vos pregue qualquer partida esse rocim magro, em caminhos ásperos. Assobiai-lhe e, atenção!, não vos mije ele em cima! Passeai-o, depois, de cá para lá — e acabo por acabar <sup>149</sup>. Quase nos parece um debuxo do futuro Rocinante de D. Quixote de la Mancha.

Álvaro da Cunha teve a má sina de sair do paço em rocim magro e com uns grandes alforges, ainda por cima. Da janela, viu-o Francisco da Silveira e diz-lhe, em verso, que o cavalicoque fizera rir certa donzela palaciana. Quanto ao cavaleiro, não ia galante nem airoso. Até se enxergava uma panela nos alforges <sup>150</sup>. Ao chegar a Sacavém, João Fogaça viu, na barca, a mula nova do comendador e joga com a dupla significação da palavra *mulata*. Por isso, escreve coisas ambíguas e declara: Parece-me bem a mulata «que me mata» <sup>151</sup>.

Devemos a Anrique da Mota (vale a pena fixar este nome) as trovas a certa mula magra e velha, no

Bombarral, à porta de D. Diogo. A mula e quem a montava iam de romaria a Nossa Senhora da Nazaré. Trava-se um diálogo trocista entre o poeta e a senhora mula, como ele diz: Que magra! Deveis comer pouca cevada! E velha! Em Alfarrobeira, já andáveis na dianteira, com os homens do rei. Lá vos fartarão, na praia da Nazaré: areia e água do mar. Pareceis o diabo — e até mais feia!

A mula, no entanto, fala da sua nobreza. Que já fora do marquês e já vira morrer três reis de Portugal. E ia agora no quarto. Que andava emprestada. E assim, palavra dum lado, palavra do outro, temos uma historieta pícara da mula esfomeada, com os ossos a verem-se debaixo da pele. Pobre mula, aforada a três pessoas e a quem o rapaz da arreata rouba a cevada! Por fim, despede-se a mula do Bombarral: Senhores do Bombarral, por mercê, lembrai-vos do meu mal! Que esta fome não dure mais. Se disto escapo, buscarei uma ermida, «onde faça outra vyda / mays segura»<sup>152</sup>.

Dali a dias, chega o poeta a Alcoentre e a mula conta-lhe a jornada, na ida e na volta. Ria-se toda a gente pelo caminho. No Arelho, linguado, perdiz, coelho, vinho branco e tinto, para os senhores. E a mula num palheiro velho! Uma paragem, outra, mais outra e, por fim, uma quarta de farelos. Fome, lazeira e cansaço. Quando a mula tornou, desta vez por Alcobaça, então, sim, foi um espanto ao ver, diante dela, cevada em grão. Que saudades daqueles três dias! Nas Caldas, freio na boca e a caminho. Ao fim e ao cabo, oito dias sem comer, por causa do maldito moço de arreata que vendia a cevada e deixava a mula a esticar de fome<sup>153</sup>.

Um cavalo pouco digno, o de João Gomes de Abreu. E o cavaleiro igual ao cavalo e sem mais juízo, sempre

enrodilhado em amores conventuais. Conventuais ou não. Andava ele numa destas aventuras, na encosta do Paço Real, quando a cavalgadura rebolou por ali abaixo, deixando o dono são e salvo. E Duarte da Gama dá então começo a uma espécie de jogos florais em torno do caso, pois até as damas querem saber as razões de morte tão honrada do cavalo. Vemos poetar uma ladainha de vates, meio soldados meio palacianos, afirmando Diogo Brandão que o animal se matou de puro desespero, pois andava a morrer de fome. Ainda por cima, o dono mandou vender-lhe a pele. Era uma acção digna dum judeu <sup>154</sup>. Também aqui, surge a paródia do sagrado, sob a forma de prefácio pascal <sup>155</sup>.

Havia também os bichos dos caçadores, entre eles o porco bravo. Ora, certa porca, na caça, abriu três feridas em Diogo do Lobo — e ele nenhuma! Francisco da Silveira pega-lhe pelo nome e exclama: Brigar urso com touro, asno com leoa, judeu com mouro, tudo isso já vi. Mas lobo com porca, só agora! E mais paródias por Jorge da Silveira e Nuno Pereira <sup>156</sup>, naquela cortesia leve que agora estranhamos em homens de envergadura. No entanto, eles jogavam a vida pelo reino — e sorriam na mesma.

Corriam pela Europa (ao menos na Espanha e em França) paródias de testamentos. No *Cancioneiro Geral*, temos o testamento do «macho ruço», de Luís Freire, em estilo notarial:

Poys que vejo que Deus quer  
deste mundo me levar,  
quero bem encaminhar  
a minha alma, se poder.  
Em quanto estou em meu syso,  
a morte dando me guerra,

mando alma ao parayso,  
desy o corpo à terra.

Nomeio para testamenteiro o meu irmão de Barrocas. Que ele me faça enterrar no rossio da igreja da Trindade. Foi ali que me governei e ali devo ser comido pela terra. Diante de mim, irão cantando dois machos um tão solene responso que todo o mundo se espante. Ajude-os o macho de Gomes Borges, que levará, com o caixão, as vidualhas e os alforges. Aos senhores da corte, peço a honra de me acompanharem, de velas acesas na mão. Item, levem-me dois cestos de palha, de oferta, e um alqueire de farelos ou cevada, porque Luís Freire nunca mos deu em vida. Já pedi mil desculpas pelos alguidares que parti nas pousadas e pelas gamelas que roí. Era fome. Em vinte anos, nunca me fartei de palha. Item, peço também muitas desculpas às vendedeiras de hortaliça e aos hortelãos. Era ainda a fome! Deixo ao meu amo três ferraduras mal pregadas, pelos agravos que me fez. Peço a Álvaro de Abreu que ponha em Lisboa, perto de S. Gião, o macho meu irmão, o de Barrocas. E na minha sepultura, escrevam este epitáfio:

Aquy jaz o mays leal  
macho ruço que naceo;  
aquy jaz quem nam comeo  
a seu dono hum soo real <sup>157</sup>.

Foi esta uma inscrição sepulcral que nos escapou no t. 2 da *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*, no capítulo de *O riso nos epitáfios*.

## 9 — SÁTIRAS DA VIDA RIDÍCULA

É um género trocista de casos e acasos. Mas casos de superfície, como outros já estudados atrás. Uma poesia fútil, mas ladina e divertida, embora sem descer aos fundões da vida. Contudo, vemos homens sérios lançar mão desta poesia descontraída.

Lembra-se o leitor de Pedro o Grande, da Rússia, a pegar no reizinho de França ao colo, ante a corte assombrada? Em Portugal, embora em ponto mais pequeno, aconteceram coisas semelhantes. Sem Pedro o Grande, claro. Por exemplo, num batel vinham o rei, a rainha e os filhos. O comendador-mor de Santiago andava então «muyto mall vestido». Mesmo assim, tomou um dos infantes ao colo e João Fogaça troçou dele, num jogo de palavras, pois eram más as sedas que vestia e sedas boas eram as linhas de pesca. Por isso, diz: Só com duas sedas e sem anzol, o comendador pescou um infante no cais <sup>158!</sup>

A Diogo Brandão, uma freira beijou cerimoniosamente a capa, sem dizer palavra. Nalguns conventos, ainda perdura o costume de as freiras beijarem o hábito da madre abadessa, da priora e de pessoas de distinção. O poeta sabia de tal costume, com toda a certeza, mas ficou lisonjeado: Parece que as freiras me têm por santo. Ou será por eu ser diabo? E Anrique de Sá responde que lhe beijaram a capa pela sua virtude. Mas aqui, joga com a significação da palavra. Teria virtude (ou força curativa) *para dor d'esquentamento*, — e esquentamento, neste caso, entra no domínio da sexologia <sup>159</sup>.

Ainda no campo da etiqueta, havia, em castelhano, o termo *peralta*: muito alto. Talvez por isso, escreveu

Nuno Pereira à *peralteza do príncipe nosso senhor*, no sobrescrito da carta. E vemos desfilar uma procissão de poetas a satirizar Nuno Pereira e a sua estranha maneira de saudar <sup>160</sup>. O coudel-mor afirma que devia ser: Mui alto, poderoso e excelente, etc. *Peralteza*, de modo nenhum! E cada um dos poetas zombadores (mais duma dúzia!) ri-se à sua maneira. Eu já andei pela Picardia, França e Lombardia, escreve um deles. Ninguém tão sensaborão! Ainda assim, outro que escreva à *peralteza do príncipe nosso senhor*. Eu, não!

Contudo, Nuno Pereira não é tolo e responde-lhes com habilidade, lembrando-lhes a sua vida de fronteiro e a sua dedicação pelo rei. Sabe falar tão bem como os outros: Venho da frontaria e sou *alcaide de Zaguala*. Na fortaleza, sou um *velador* dos diabos, e «viva, viva alteza / do príncipe nosso senhor». Pico-me de pomposo e Deus me guarde para servir a «alteza / do príncipe nosso senhor». Comi já muita coisa. Contudo, nem a pimenta de Veneza me deu tal sabor como me deu a «peralteza / do príncipe nosso senhor». Foi esta farpa para Mestre Rodrigo, a provar que, embora soubesse a maneira habitual de dizer, agradara-lhe imenso aquela *peralteza* e por isso a empregara. Ando pelas ruas a pé, «criados, compadres, amos, / tudo casta de Guynee» e todo Portugal me preza, porque «fuy descobridor / de mina de su' alteza» <sup>161</sup>.

Em suma, lembra aos outros que conhecia a etiqueta, mas que gostava de ter estilo seu, de vez em quando, tanto mais que *peralteza* lhe parecia coisa bem saborosa. Tal resposta a todos os «trovadores» revela sentido humorístico e jeito cortesão de falar, sobretudo num soldado de África.

Temos ainda a indumentária e os seus ridículos. Naquele tempo, os alfaiates de homens revelavam maior fantasia do que agora. São bem para rir as brejeirices à flamante braguilha de D. Guterres e aos seus gibões. Riem-se também das carapuças de folia, da *gongorra* (ou carapuça) de Lopo de Sousa, etc. Lopo Fogaça troca duma touca mal posta no «toutiço» de João Saldanha <sup>162</sup>. João Roiz de Sã atirou fora um barrete e pôs carapuça de veludo, para agradar a D.<sup>a</sup> Ana de Eça, o que faz rir D. Pedro de Almeida. Mais adiante, é João Roiz a trocar dele e de Simão da Silveira, por lhe quererem fazer trovas a um chapéu de seda azul: Dizei de mim coisas gentis, homem galante, que outro igual não tem Paris <sup>163</sup>!, diz ele a D. Pedro de Almeida.

Os gibões de Fernão da Silveira e D. Pedro da Silva, de brocado, com meias mangas e gola de grã, também fizeram correr tinta, com um verso machista de D. Guterres, digno duma taberna do Bairro Alto <sup>164</sup>.

Um mongil com capelo, certa carapuça de veludo que Lopo de Sousa trouxera de Espanha, umas ceroulas de chamalote que mandou fazer Manuel de Noronha, as mudanças no pelote de Leonel de Melo, a camisa de D. Francisco de Castro, bem galante e orlada de veludo, todas estas ninharias serviam de isco à veia satírica duma chusma de poetas <sup>165</sup>. A graça, por vezes, deriva de certo ar de paródia, do contraste entre a futilidade risonha da coisa e o ar solene com que dela falam alguns poetas, como dum acontecimento digno de eterna memória.

Desta forma eclodiam pequenos certames poéticos, para crivar de gracejos este ou aquele homem da corte, a propósito de pequenos nada. Montado na mula, Simão de Sousa do Sem entrou galhardamente pelo terreiro de Almeirim, com chapins e grandes esporas esmaltadas. E



os poetas festejaram-no depois, cada qual com a sua trova: Acudi, senhores, para vos rirdes com tais esporas! A Aires Teles: Diz certa profecia que, quando a gente vir mula montada à mourisca, então correrá perigo a galantaria. E D. João Lobo aconselha o cavaleiro a não contemplar tão lindos pés. Seria capaz de morrer como Narciso. Martim Afonso de Melo finge indignar-se: Mula mal-aventurada, se não nasceste em Fez, porque andas assim arreada? Garcia de Resende espanta-se e assinala o facto: «no terreyro d'Almeyrym / foy homem em mula visto / com larga espora de Fez / calçada sobre chapim»<sup>166</sup>. Temos, neste caso, um documento da influência da cavalaria mourisca em Portugal — e este caso não será único.

Na matéria dos trajes militares e paisanos, convém meter os penteados e a barba<sup>167</sup>. Porém, as vítimas dos ataques poéticos não tinham o estro menos solto do que os atacantes, o que dá a tais disputas o seu ar de cantigas ao desafio.

Depois da etiqueta e dos trajes, vamos assistir a alguns acontecimentos jocosos, por exemplo, as pancadas dum tiple num tenor e abade, em paga doutras pancadas que levava. D. João Manuel gozou com a história, juntaram-se a ele outros poetas e saiu uma sátira engraçada. Foi D. João Manuel a começar, em termos de música e poesia:

Hũa musica, senhor,  
ouvy de que m'espantey,  
o tiple contr'o tenor  
cantarem *aque del rey!*

Mas o tiple nam cantava,  
nem agoardava compasso,

o tenor mais que de passo  
suas vozes altas dava.  
O rifam, aque del-rey;  
a copra, por Deos, senhor;  
a torna, moyro de dor;  
o vilançete, nam sey <sup>168</sup>.

Os restantes poetas fazem o mesmo e gracejam à base do vocabulário musical: Fá, cantochão, descanto, vilancete, tipples, atabaqueiro, contraponto, estante, solfa, meio tom, oitava, quarta, «sincopa», diapasão, etc. E tudo acaba nos versos de Afonso Valente, a dizer: Medi a «proporção», com um diapasão, «e do tiple ao tenor / doze compassos achey».

Graciosas trovas, na verdade. Percebiam de música. Havia, porém, acontecimentos de tom diferente. Ao comendador-mor de Santiago, fugira-lhe um mouro e passava o tempo a perguntar: Vistes um mouro assim e assim? João Fogaça imita-lhe a aflição e parodia os sinais do escravo <sup>169</sup>. Por seu lado, Rui de França mandou fazer um moinho de vento, em Évora, primeiro *com velas de paa* e, depois, com velas de pano. Outro fiasco. Brás da Costa promete-lhe que ainda seria rico, ora com velas de pau, ora com velas de pano. Que grande sábio e que inventivo ele era! <sup>170</sup>

A estas pequenas sátiras do *Cancioneiro Geral* chamamos graças da vida corrente. São elas que nos põem a par das pequenas coisas do século XV, em Portugal, e da existência quotidiana, para além e para aquém dos grandes acontecimentos históricos.

## 10 — PARÓDIA DO SAGRADO

Bastaria ler *Die Parodie im Mittelalter*, de Paul Lehmann, para termos uma ideia da vastidão deste género literário, na Idade Média. Existiu em todos os tempos e línguas, sem excluir a literatura hispano-hebraica dos séculos XII e XIII, quando Abraão Ibn Ezra escreveu paródias sobre alguns passos da Escritura e sobre a liturgia da Sinagoga. Ainda maior do que ele foi Yhuda al-Harizi.

A paródia do sagrado não implica a descrença. Quando muito, simples irreverência ou demasiada familiaridade. Desenvolve-se, até, em meios bastante crentes. Por exemplo, o *Clérigo da Beira* foi representado em Almeirim, diante dei-rei D. João III.

Rui Moniz, com citações da Paixão, pede a morte da sua inimiga, embora o latim venha estropiado: *Expedite unam mulierem moy*, exclama ele, citando à sua maneira o evangelho de S. João: *Expedit unum hominem mori* (Jo., 18, 14). Mas em vez dum homem põe ele uma mulher. Torce, deste modo, a Bíblia num sentido parodial. E morra, para quê? Para não perecerem as mulheres virtuosas e não perderem suas famas as damas gentis. Senhores, assim vem na Paixão e assim vo-lo digo eu, evangelista de amores. A seguir, toma para texto da estrofe as palavras: *Non licet mittere eam in carbonum* (em vez de *Non licet eos mittere in carbonam*, Mat. 27, 6). E explica, em tom de breve sermão, a parodiar as palavras dos sacerdotes judeus sobre o dinheiro de Judas:

Nam he necessária cousa  
desta mulher fazer vida  
em casa onde repousa

bondade tam conhecida.  
Porque seria pecado  
daquesta viver u nam  
mora falsso coraçam,  
do que deve mal lembrado.

Deve, por conseguinte, morrer conforme a Lei:  
*Secundum legem debet mori*. E porquê? Por trazer tanto mal  
em si. E mais adiante, continua a parodiar a Paixão:

Logo a crucifiquemos,  
poys se nam quer correger,  
ou morte cruel lhe demos,  
por mays males nam fazer.

Se deixarmos viver tal mulher, inimigos todos  
seremos de nossas vidas e das pessoas a quem servimos.  
*Hanc dimittis, non es amicus Caesaris*, diz ele, sempre na pista  
dos evangelhos. E que fez Pilatos? Um Pilatos ao  
serviço do poeta e dos seus amores, claro. *Tradidit eam  
illis ut crucifixeretur*. Sim, que seja condenada:

Com pregam seja levada,  
desta gentil corte fora,  
esta ymiga provada  
da fama de hũa senhora <sup>171</sup>.

Devia tratar-se dalgum mexerico de amores, posto a  
correr pela tal mulher condenada a morrer fora da  
cidade.

Em torno do rocinante de João Gomes de Abreu,  
que rebolou pela encosta do castelo e morreu, travou-se  
um largo certame poético, como já vimos. Nestes  
versos, lemos um irreverente prefácio pascal, a parodiar

vagamente a missa da páscoa florida. Morrera o cavalo,  
mas salvara-se o dono:

*Profácio pascoal*

Sua morte desvyou  
a que o cavalo morreo,  
a vyda lhe repayrou,  
porqu'entam reuçytou,  
quando lh'a pele vendeo.  
E por tanto mereçeo  
o esfolado  
ser dele sempre adorado <sup>172</sup>.

Colocar o cavalo no lugar de Cristo, parece demasiado forte, para o nosso tempo. Com efeito, o cavalo ocupa, neste prefácio, o lugar de Cristo ressuscitado, por quem nossas vidas foram salvas. Blasfémia intencional? De modo nenhum, pois temos outros casos paralelos, em escritores amigos de facécias, mas cristãos a pedra e cal. Só mais tarde, a sombra da heresia começou a pairar sobre tudo e todos. Quanto ao segundo e terceiro verso, traduzem quase à letra o latim da missa pascoal: *et vitam resurgendo reparavit*.

A caminho de Nossa Senhora da Nazaré, a mula esfomeada confessa que, em Salir do Porto, suou «sangue aly no orto /com payxam» <sup>173</sup>. Aqui, é Anrique da Mota que parodia um episódio da Paixão, mas tão de leve que mal damos por isso. Contudo, a maior paródia da Paixão escreveu-a Francisco Lopes, quando prenderam Joana de Faria:

Estava a senhora Faria em sua casa, absorta em contemplação, quando bateram à porta da rua:

Com todos seus fariseus,  
erat autem Joam da Nova,  
que pareciam judeus  
que prendiam Cristus Deus  
no orto, segum se prova.  
Foram tam sem piedade  
aquestes que a prenderam,  
que vos juro de verdade  
que tamanha crueldade  
a ninguem nunca fyzeram.

Perguntou-lhes a mãe de Joana de Faria: A quem buscais? Bradando, «a voz dezya: / a Joana de Faria, / e a vós, que nos falays!»! Trespassadas e sem cor ficaram a mãe e a filha. E *dixit* (disse): «que mal tem feyto / a coyta ynoçente»?

Como se foram lobos, eles não curaram de razões e levaram-na aos empurrões, enquanto os criados fugiam, já sem fé. Não houve ali «quem cortasse / orelha a beleguym, / nem quem espada tirasse». Entregaram Joana de Faria a Pero de Lisboa que, «por ser gentil pessoa, / era pontifyx esse ano». Declarou ele não ser o juiz para julgar Joana de Faria e remeteu-a ao Botelho. Assim andou ela, dum lugar para outro, nas mãos dos beleguins, e eu, para não ver tal coisa, até daria «muytos cruzados»! E a paródia acaba nestes versos, a fingir tristeza:

Triste, coyta de vós,  
menyna com tanto mal,  
amamos, tristes de nós,  
que ficamos qua tam soos  
e com dor tam desygoal <sup>174</sup>.

Para outras paródias assim, recorde o leitor o que já escrevemos sobre o riso e o vinho, pois lá diz o provérbio latino: *Bis repetita placent*. Sobretudo neste género de literatura.

## 11 — *PARÓDIAS DO PROFANO*

Do coudel-mor Fernão da Silveira, sabemos que tinha larga veia parodística ao imitar, por exemplo, a fala dum rei negro da Serra Leoa <sup>175</sup>. Por seu lado, Anrique de Almeida Pássaro inicia uma série de poesias cómicas, em torno da braguilha de D. Guterres. Ataca-a em tom de poema heróico e deixa-a de rastos:

Barguilha de falso peyto,  
reboloa,  
quando vem a ser no feito  
nunca boa.

Faz amostra e grã parada,  
por que toda a casa peje;  
se acha quem lhe rabeje,  
say vos tam emvergonhada,  
e emcurtada,  
emtam buscay quem peleje.  
E fica toda dum jeyto  
a pessoa,  
por que s'enguanou no feito  
d'arralhoa.

Parece a troça a um cavaleiro, cujas reboarias não enganam ninguém, pois são reboarias de género pornográfico. Mas para quê tais valentias?, pergunta D.

Álvaro de Ataíde. E acrescenta estas linhas pouco recomendáveis, mas que talvez ainda passem em português arcaico:

Ca se jouver, no teu leyto,  
putarroa,  
achartaa tam emcolheyto  
e do nembro tam tolheyto  
qu'yraa maa e vyraa boa.

Assim por diante, cada poeta vai troçando à custa da braguilha de D. Guterres, tudo em estilo mais ou menos frascário. Em tom heróico, ergue-se a *cantiga* de Fernão da Silveira:

Cavalheyros de Castilha,  
vós qu'estays en Freyxinal,  
vynde ver hũa barguilha  
a Portugal,  
do filho do marichal!

Pelos quatro evangelistas, diz outro, nada vi tão pomposo! E mais adiante, outra vez D. Álvaro de Ataíde — e pedimos desculpa ao leitor:

Barguilha de gram valya,  
chea de laã ou de pena,  
por nom andares vazia,  
emche te de carne ajena  
ou t'encherey de la mya.

O melhor, neste campo, é seguir o conselho da *Divina Comédia*: «Olha e passa adiante!». Por fim, escutamos a defesa do heróico D. Guterres: Tudo isto é inveja, explica ele <sup>176</sup>. E faz às senhoras uma proposta



obscena, para tirar dúvidas a toda a gente. Paródia? Nem sempre. Mas é-o de verdade, quando entoam hinos à braguilha de D. Guterres, como se ela fosse a bandeira da pátria, ou quase.

O pranto do clérigo pelo vinho da pipa que se derramou, tem muito de paródia sacra (com imitações de Jeremias, dos salmos e de Job, por exemplo) e ainda mais de paródia profana. É um engraçado pranto báquico, vindo, no fim, os amigos do clérigo consolá-lo na desgraça <sup>177</sup>, como lemos também no *Livro de Job*. É uma paródia entre o sagrado e o profano, entre o pranto de Maria Parda e o Ofício de Defuntos: Livra-me, Senhor, daquele dia tremendo, quando o céu se perturbar e o vinho acabar, sem ninguém o vender, a fiado ou a pronto!

Contudo, o espírito da paródia profana transcende os limites da paródia estritamente dita. Infiltra-se um pouco por toda a parte, à maneira duma atmosfera. Toma corpo visível, aqui e além, e o seu reino é maior do que pensamos.

## VI — SERMÕES BURLESCOS

Na Idade Média, misturava-se o sagrado e o profano, a comédia e as cerimónias sérias da liturgia. E os termos de grandeza humana assumiam, por vezes, sentido cómico, por exemplo, «*imperator stultorum*», quer dizer, imperador dos malucos, ou melhor, imperador dos pândegos. Havia também o imperador dos menestréis, o rei dos ribaldos (*rex ribaldorum*), o rei das mulheres da vida, etc. Du Cange fala-nos disso, no seu *Glossarium*. Por nosso lado, já nos referimos aos *imperadores* das festas medievais, em Portugal, na Idade Média <sup>178</sup> e no séc. XVI. Duraram muito, estas usanças, e vamos encontrá-las ainda no séc. XX no continente, nos Açores e no Brasil. Perduraram, acima de tudo, os imperadores das festas do Espírito Santo.

Ora bem, noutros países acontecia o mesmo, sem faltar, em certas paróquias, um sermão burlesco, em cuja comparação Fray Gerundio de Campazas e os sermões que o padre Isla põe na sua boca ficam a ser modelos de oratória clássica. Como escreve Petit de Julleville, «Le premier qui s'avisa, pendant l'ivresse bruyante de la fête, de monter dans la chaire chrétienne et d'y parodier le prédicateur dans une improvisation burlesque, débita le premier sermon joyeux» <sup>179</sup>. O historiador francês deixou-nos uma lista dos *sermons joyeux* que chegaram ao

seu tempo, no *Répertoire du Théâtre Comique en France au Moyen Âge*.

Nem só nas festas religiosas se pregavam sermões burlescos. Por exemplo, o *Nouveau et Joyeux Sermon Contenant le Ménage et la Charge de Mariage, pour jouer à une Nopce, à un personnage*<sup>180</sup> de que falámos a propósito de Gil Vicente<sup>181</sup>, pregava-se com certeza em banquetes de casamento.

Em Portugal, na Idade Média e mais tarde, abundavam também os sermões burlescos, pelo menos nas terras da Guarda. Com efeito, nas constituições dessa diocese (Salamanca, 1500), na constituição LVI, fala-se do «abominável costume» de, em certas freguesias, pela festa de Sto. Estêvão e noutras ocasiões solenes, entrarem os leigos pela igreja dentro, com os seus imperadores, reis e rainhas, «levando comsigo jograees, os quaees mandam poer e poeem no pulpeto da ygreja, donde dizem muitas desonestidades», até durante a missa e nos officios divinos.

Temos, pois, sermões burlescos dentro das igrejas, com jograis a imitar os pregadores, no meio de «arroydos» e risos descompassados — pois o riso era a finalidade suprema do sermão burlesco. E a sátira havia de lavrar, como uma chama, desde o exórdio até à peroração final.

Na quadra do Natal, pelas festas do protomártir Sto. Estêvão, a 26 de Dezembro, e nos dias seguintes, quer dizer nas festas do apóstolo S. João e dos Santos Inocentes, esbracejava um verdadeiro carnaval litúrgico, talvez adaptação cristã da velha *libertas decembrica* dos romanos. É assim, conforme o cerimonial da diocese de Vivarais, publicado à volta de 1365, o bispo-menino, pela festa de Sto. Estêvão, dava aos fiéis umas

indulgências galhofeiras. Que Deus vos dê uma boa dor de fígado e uma canastra de «perdões»:

De par Mossenhor l'Evesque,  
Que Dieus vos donne gran mal al bescle,  
Avec una plena balasta de pardos  
Et dos das de raycha de sot lo mento <sup>182</sup>.

E nos banquetes de casamento ou noutras festas profanas, quando os magnatas, nos solares, comiam à grande e bebiam ainda mais? Julgamos que também nessas festas laicais havia de aparecer, uma vez por outra, qualquer pregador burlesco, para entreter o público entre gargalhadas. De facto, vemos sobreviver tal costume no *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, sermão esse pregado por um frade que o diabo trouxe dos Infernos. Estamos em festa palaciana, para entreter a corte, e o frade toma por tema, não um versículo bíblico mas, sim, uma frase que ele atribui a Virgílio: *Amor vincit omnia*. E entra a fundo no exórdio, à base da glosa de Pero Dias de Toledo aos provérbios do Marquês de Santilhana <sup>183</sup>. Quer dizer, começa a paródia logo pelo texto do sermão: «Amor vincit omnia, loco et capitulo jam perelegatis». E acabado o exórdio, com o encómio pseudopiedoso do assunto a tratar e da autoridade do texto latino, o pregador *Assoase com o seu guardanapo*. Parece mesmo um pregador a sério, a assoar-se ao lenço, no alto do púlpito, na pausa costumeira em que o auditório tosse e ajeita o corpo, a fim de ouvir melhor e mais comodamente.

Sem termos a certeza, parece-nos que tal sermão burlesco foi pregado durante um banquete — e daqui a sugestão do guardanapo. Era frequente na Idade Média (e também depois) dizerem graças os histriões, que

chegavam a representar pequenas farsas, enquanto os bispos, os reis ou as famílias nobres iam comendo e rindo. Representado durante o banquete ou pouco depois, o sermão burlesco de Gil Vicente deve considerar-se um espécimen evoluído doutros sermões pregados na Idade Média, não só nas igrejas mas também nas festas da nobreza, amiga de histriões e jograis.

## VII — A SÁTIRA DA DANÇA MACABRA

Para acabarmos risonhamente, seria bom conhecer a correspondência particular dos nossos diplomatas medievais, a descrever os costumes, tiques, defeitos e malas-artes das pessoas e povos estrangeiros. D. Lopo de Almeida, por exemplo, acompanhou à Itália a imperatriz Dona Leonor, mulher de Frederico III. Nalgumas cartas a D. Afonso V, irmão da noiva, acha ele o Imperador bastante mesquinho e ri-se um pouco da corte alemã: Que em Sena tinham recebido muito bem a Imperatriz, mas que estiveram sempre de pé, a ouvir uma «arenga de offerecimentos palavrosos». Que em Florença mal vira Frederico III por uma peneira. Que era avarento e sem despacho. Que ele, D. Lopo de Almeida, antes queria «ser Rey de Castella» do que tal imperador. Que regateava com os mercadores, achava tudo caro e mandara dizer a Cosme de Médicis que tais e tais panos eram caros de mais, só para o doge lhos oferecer. E ofereceu-lhos! Nos grandes banquetes havia gente a montes, sem um mestre-sala a indicar o lugar de cada um. Era tanto o barulho que o ruído «desbaratava o de João Vaz», certamente um grande roncador na corte portuguesa, pensamos nós. À vontade e sem etiquetas, metiam-se todos pelo vinho e pelas iguarias. Certa «collação» fora maior do que a de «Fernão Serveira, que com tres patos dizia que se fartaria muy

bem». Alemães e italianos espantaram-se de ver o «baylo mourisco e depois o vilão». E alguns portugueses bailaram também à maneira de *chacota*, com a Imperatriz «a guiar a dança». Por fim, Frederico III levou a Imperatriz pela mão «e tanto que entrou, lançarão-na na cama em camiza, e elle com ella». O que aconteceu naquela noite «nam o sey, mas suspeito-o, e vós, Senhor, o deveis entender»<sup>184</sup>. Aqui está um modo sorridente e bastante irónico de contar o que não se deve dizer abertamente...

Tudo isto é bonito e cheira a flor de laranjeira. Vamos, porém, mergulhar no humor negro da Dança macabra para fecharmos o séc. XV. Para isso, abrimos as *Horas de Nossa Senhora segundo costume Romaão, com as horas do Spirito Sancto e da cruz e dos finados, e sete psalmos, e oraçam de sam Lyom papa, e oraçam da empardeada, e com outras muytas e devotas oraçoões* (Paris, 1500), tudo em português. Até agora só conhecemos um exemplar único desta obra, nos Estados Unidos, e dele falaremos a seu tempo, *per longum et latum*. Na sua *Notice sur les Heures Gothiques imprimées à Paris*, dos sécs. XV e XVI, n.º 350, Brunet atribui a responsabilidade destas Horas a Frei João Claro, que as viu e emendou. Não foi só ele mas também «Luis Fernandez, outrosi purtuges, estudante em artes, criado da rainha de Purtugal dona Lyanor». O seu a seu dono. A tradução devia ser mais antiga. Impressa ou em manuscrito? Não sabemos. Desta feita, imprimiu-a «Narciscus Bruno», alemão, e terminou-a a 13 de Fevereiro de 1500.

Ora bem, o Ofício de Defuntos (ou Horas dos Finados), neste Livro de Horas, está ladeado pelas figurinhas das duas Danças Macabras, dos homens e das mulheres, com repetição total da primeira e de três

figurinhas da segunda <sup>185</sup>. Todas iguais às de Simon Vostre, nas *Heures à l'usage de Rome* (Paris, c. 1502), muitas delas reproduzidas por nós, em a *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*<sup>186</sup>.

Trata-se, acima de tudo, duma sátira social e religiosa, uma espécie de Juízo Final, em que têm de comparecer homens de todas as classes e situações. E através de tudo, sentimos o calafrio do riso macabro da Morte, ao contemplar a vaidade humana e o saldo negativo de tantas vidas aparentemente cheias de grandeza. É uma sátira profundamente ortodoxa, mesmo quando fala do Papa, pois grande nau grande tormenta. De facto, ele tem de responder por si e pelos outros. A Dança Macabra traz o exame de consciência, individual e colectivo, para a luz do dia. Mas exame de consciência obrigatório para todas as classes e para todos os homens, grandes ou pequenos: Imperador, ides morrer, vós que entesoirastes a tirania! Reverendo cardeal, pensastes chegar a Papa, mas nunca o sereis. Rei opressor e inimigo da justiça, vinde cá prestar contas. Deão avarento, que recusastes esmola aos pobres, não continuareis a cantar no coro! Mercador, não penseis mais em negócios da Flandres. Entrai cá e vereis as minhas mercadorias. Cónego leviano, arrependei-vos. Advogado refalsado, os vossos livros não vos salvarão de mim! Médico, não vos livrarão os aforismos de Hipócrates e Galeno! Usurário de má consciência, ides ver o fogo do Inferno e lá ficareis! Frade mendicante e preguiçoso, sois mestre famoso e subtil, mas eu vos levarei a quem está a par de todas as artimanhas! Ermitão, muito desmazelado fostes com a ermida! Agora, nunca mais bebereis vinho da borracha!



É o nivelamento de todos, afóra os santos, é o desfazer de todas as grandezas mundanaís, um humor negro de actores que despem a farpela do Palco do Mundo, uns a fazerem de imperadores, outros de reis, outros de cavadores, outros de mendigos, outros de bobos-malucos. E ficam ao mesmo nível, todos eles nus, pois a Morte despoja-nos de tudo, menos das boas acções. A mitra, a coroa, a espada, o chapéu emplumado, tudo ninharias! De facto, o Papa, de tiara na cabeça e grandes vestes imponentes; o imperador coroado, com a espada na mão direita e um globo simbólico na esquerda; o cardeal, de chapéu na cabeça; o rei, de cetro na mão e manto de arminho aos ombros; o patriarca, segurando a cruz de quatro braços; o condestável façanhudo, metido na armadura de combate; o cavaleiro de boné emplumado; o abade com um livro na mão esquerda e um báculo recurvo na direita; o preboste com o machado, símbolo da sua autoridade; o astrólogo doutoral; o burguês de grande faixa no chapéu de abas largas; o cónego de barrete na cabeça; o mercador e a sua bolsa à cinta; o cartuxo de cogula e um livro aberto nas mãos; o usurário a dar tardiamente uma esmola a um pobre ajoelhado; o médico a examinar as urinas dentro dum boião de vidro; o advogado com os papéis do processo; o menestrel, de pluma no boné e um instrumento de cordas junto de si; o cura, de estola e missal; o cavador com a enxada ao ombro e a borracha à cinta; o bebé no berço — a estes e outros representantes de indivíduos, classes e situações religiosas, sociais ou simplesmente humanas, leva a Morte consigo. E a Morte, embora figurada por um esqueleto de pele ressequida, ossos esbrugados e ventre aberto, está *viva* e continua implacável. Umás vezes com

a gadanha ceifeira das vidas, noutros quadrinhos com a pá do coveiro e, em certas ocasiões, sem nada, leva os vivos pela mão ou puxa-os pelos vestidos. Em baixo de cada figurinha, nestas Horas, o letreiro de cada uma, em francês, porque Frei João Claro e Luís Fernandes julgaram que não valia a pena traduzir. Ou então, foram os impressores a não quererem modificar os quadrinhos, no letreiro, pois ficariam estragados para as edições destinadas à França.

A Morte escaveirada parece rir-se de todas as mulheres, grandes e pequenas, desde a rainha até à boba com as vestes cheias de guizos chocalhantes. Em vão algumas delas procuram resistir à Morte. A «regente» vira-lhe mesmo as costas e arregaça as grandes saias, para fugir melhor. Em vão a ama-de-leite aperta o menino ao seio e empurra a Morte para trás. A mulher grávida aponta para o ventre, como se a Morte atendesse a razões de coração. Perdem o tempo e o riso da Morte é igual para todas. A rapariguinha, ao menos, deixa-se levar docemente. E também a pastora, que não larga o cajado e continua a fazer festas ao cão. Quanto à bruxa, segura ainda a vassoura mágica em que voa de noite. Talvez desejem salvar o último minuto da sua identidade neste mundo, como certos condenados à morte que se encostam ao muro de fuzilamento, a comer ainda um pedaço de pão. A Morte leva-as na mesma, uma a uma. Os esqueletos dos quadrinhos são a Morte e são os mortos, o antes e o depois. Como Baudelaire, em *La Danse Macabre*, cada um de nós pergunta: «qui n'a serré dans ses bras un squelette, / Et qui ne s'est nourri des choses du tombeau?»

É o desfazer da Feira do Mundo: «Vem a Morte e traz o Conde»..., escreve Gil Vicente, na terceira das

*Barbas.* «Vem a Morte e traz hum Duque»... «Vem a morte e traz hum Rey»... «Vem a Morte e traz hum Emperador»... Matou-vos a vanglória, diz-lhe ela. E o Imperador reconhece que os seus triunfos ficam neste mundo e só leva consigo as boas obras e a miséria dos pecados. Acabou todo o esplendor de «plumas de oro e seda»! Sarcasmo, instinto de justiça social e humor negro! Um riso tenebroso. Quem o não compreender, também não compreenderá as palavras de Hamlet às caveiras que o coveiro ia atirando para fora da cova.

## NOTAS

- <sup>1</sup> MENÉNDEZ PELAYO, *Antología de Poetas Líricos Castellanos*, t. 1 (Santander, 1944) p. 373.
- <sup>2</sup> *El Cancionero de Juan Alfonso de Baena* (Buenos Aires, 1949) n.º 162.
- <sup>3</sup> *Ib.*, n.º 314.
- <sup>4</sup> *Ib.*, n.º 316.
- <sup>5</sup> *Ib.* n.º 555.
- <sup>6</sup> *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, t. 1 (Lisboa, 1952) p. 59.
- <sup>7</sup> *Ib.*, t. 2 (Lisboa, 1952), p. 279.
- <sup>8</sup> *Ib.*, p. 231.
- <sup>9</sup> FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Pedro I* (Porto, 1965) p. 33.
- <sup>10</sup> FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando* (Porto, 1966) p. 191.
- <sup>11</sup> *Ib.*, p. 192.
- <sup>12</sup> *Ib.*, p. 108.
- <sup>13</sup> *Ib.*, p. 205.
- <sup>14</sup> *Ib.*, p. 333.
- <sup>15</sup> *Ib.*, pp. 369, 426.
- <sup>16</sup> FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, t. 1 (Porto, 1945), p. 160.
- <sup>17</sup> *Ib.*, p. 335.
- <sup>18</sup> *Ib.*, p. 56.
- <sup>19</sup> *Ib.*, p. 225.
- <sup>20</sup> *Ib.*, p. 29.
- <sup>21</sup> *Ib.*, t. 2 (Porto, 1949) pp. 168, 426.
- <sup>22</sup> *Ib.*, t. 1 (Porto, 1945) p. 286.

- <sup>23</sup> *Ib.*, p. 372.
- <sup>24</sup> *Ib.*, pp. 103-104.
- <sup>25</sup> *Ib.*, p. 287.
- <sup>26</sup> *Ib.*, p. 290.
- <sup>27</sup> *Ib.*, pp.300-304.
- <sup>28</sup> *Ib.*, P. 321.
- <sup>29</sup> *Ib.*, p. 411.
- <sup>30</sup> *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira* (Lisboa, 1972) pp. 195-201. Ed. de A. Machado Faria.
- <sup>31</sup> FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, t. 2 (Porto, 1949), p. 82.
- <sup>32</sup> *Ib.*, p. 145.
- <sup>33</sup> *Ib.*, pp. 176-177.
- <sup>34</sup> *Crónia do Condestável*, ed. Cit., p. 172.
- <sup>35</sup> FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, t. 1; ed. cit., p. 82.
- <sup>36</sup> *Ib.*, p. 338.
- <sup>37</sup> *Crónica do Condestável*, ed. cit., p. 108.
- <sup>38</sup> FERNÃO LOPES, *Crónica de D João I*, t. 1, ed. cit., pp. 175-176.
- <sup>39</sup> *Ib.*, p. 146.
- <sup>40</sup> *Ib.*, p. 200.
- <sup>41</sup> *Ib.*, t. 2, ed. cit., p. 170.
- <sup>42</sup> *Ib.*, p. 104.
- <sup>43</sup> *Ib.*, pp. 37-39.
- <sup>44</sup> *Ib.*, p. 94.
- <sup>45</sup> *Ib.*, p. 242.
- <sup>46</sup> *Ib.*, p. 40.
- <sup>47</sup> *Ib.*, pp. 187-188.
- <sup>48</sup> *Ib.*, pp. 179-180.
- <sup>49</sup> GOMES EANES DE ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta* (Lisboa, 1915) p. 76.
- <sup>50</sup> *Ib.*, pp. 82-83.
- <sup>51</sup> *Ib.*, pp. 57-59.
- <sup>52</sup> *Ib.*, pp. 112-113.
- <sup>53</sup> *Ib.*, p. 111.
- <sup>54</sup> *Ib.*, p. 232.

- <sup>55</sup> *Ib.*, pp. 194, 218.
- <sup>56</sup> FREI JOÃO ÁLVARES, *Obras*, t. 1 (Coimbra, 1960) p. 57,  
na *Crónica do Infante Santo*.
- <sup>57</sup> *Ib.*, pp. 57, 97.
- <sup>58</sup> *Ib.*, p. 95.
- <sup>59</sup> *Ib.*, pp. 101-104.
- <sup>60</sup> D. JOÃO I, *Livro da Montaria* (Coimbra, 1918) p. 152.
- <sup>61</sup> *Ib.*, pp. 18-19.
- <sup>62</sup> *Ib.*, pp. 32-37.
- <sup>63</sup> *Ib.*, pp. 68-69.
- <sup>64</sup> *Ib.*, p. 43.
- <sup>65</sup> MÁRIO MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval* t. 1 (Lisboa,  
1969) pp. 125-133.
- <sup>66</sup> D. DUARTE, *Leal Conselheiro* (Lisboa, 1942) pp. 186-187.
- <sup>67</sup> *Ib.*, p. 5.
- <sup>68</sup> *Ib.*, p. 74.
- <sup>69</sup> *Ib.*, pp. 151-152.
- <sup>70</sup> *Ib.*, pp. 100-101.
- <sup>71</sup> *Ib.*, pp. 21-22.
- <sup>72</sup> *Ib.*, p. 7.
- <sup>73</sup> Sobre a identidade de Frei João Verba, cf. DIAS DINIS,  
*Ainda sobre a identidade de Frei João Verba*, em «Itinerarium», t. 3  
(Braga, 1957), pp. 479-490.
- <sup>74</sup> *O Livro da Virtuosa Benfêitoria* (Porto, 1940) pp. 291-292.
- <sup>75</sup> *Ib.*, p. 131.
- <sup>76</sup> *Ib.*, pp. 307, 312.
- <sup>77</sup> *Ib.*, p. 215.
- <sup>78</sup> *Ib.*, pp. 245-246, 293-294.
- <sup>79</sup> *Ib.*, pp. 234-235.
- <sup>80</sup> *Ib.*, pp. 86, 97-98.
- <sup>81</sup> *Ib.*, p. 121.
- <sup>82</sup> *Ib.*, pp. 140-142.
- <sup>83</sup> *Ib.*, pp. 208-209.
- <sup>84</sup> *Ib.* pp. 316-317.
- <sup>85</sup> MÁRIO MARTINS, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da  
Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975) pp. 271-283.

<sup>86</sup> MÁRIO MARTINS, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956) pp. 131-155. Cf. também Augusto Magne, na introdução ao *Boosco Deleitoso* (Rio de Janeiro, 1950) pp. III e sgs. A primeira edição fê-la Hermão de Campos, Lisboa, 1515.

<sup>87</sup> *Boosco Deleitoso* (Rio de Janeiro, 1950) n.º 598. Seguimos os números e não as páginas, para mais fácil verificação. A edição quinhentista não está dividida em números, sendo estes acrescentados por Augusto Magne, em série ininterrompida ao longo do livro.

<sup>88</sup> *Ib.*, n.º 602.

<sup>89</sup> *Ib.*, n.º 88, 119.

<sup>90</sup> *Ib.*, n.º 132-133, 137-139, 144-148.

<sup>91</sup> *Ib.*, n.º 154-157.

<sup>92</sup> *Ib.*, n.º 154-157.

<sup>93</sup> *Ib.*, n.º 158.

<sup>94</sup> *Ib.*, n.º 165-166, 178, 184-186, 193-196, 323-325, 369-373.

<sup>95</sup> *Ib.*, n.º 387, 401-402.

<sup>96</sup> *Ib.*, n.º 405-406.

<sup>97</sup> *Ib.*, n.º 392, 399, 641-642.

<sup>98</sup> A. J. DA COSTA PIMPÃO, *História da Literatura Portuguesa*, t. 1 (Coimbra, 1947) pp. 359-408.

<sup>99</sup> *Cancioneiro Geral* (Coimbra, 1910 a 1917) t. 1, p. 150.

<sup>100</sup> *Cancioneiro Geral*, ed. cit., t. 5, p. 378.

<sup>101</sup> *Ib.*, pp. 307-319.

<sup>102</sup> *Ib.*, pp. 324-329.

<sup>103</sup> *Ib.*, pp. 353-354.

<sup>104</sup> *Ib.*, pp. 382-386.

<sup>105</sup> *Ib.*, pp. 386-401.

<sup>106</sup> *Ib.*, ed. cit., t. 1, pp. 325-329.

<sup>107</sup> *Ib.*, ed. cit., t. 2, pp. 347-348.

<sup>108</sup> *Ib.*, ed. cit., t. 5, pp. 212-217.

<sup>109</sup> *Ib.*, ed. cit., t. 2, pp. 24-29.

<sup>110</sup> *Ib.*, ed. cit., t. 1, pp. 172-179.

<sup>111</sup> *Ib.*, pp. 213-237. Nestas e noutras frases transcritas do *Cancioneiro Geral*, modernizamos a ortografia, salvo raras e visíveis exceções.

<sup>112</sup> H. BAQUERO MORENO, *A Batalha de Alfarrobeira* (Lourenço Marques, 1973), p. 426.

<sup>113</sup> *Cancioneiro Geral*, ed. cit., t. 1, pp. 210, 238, 248.

<sup>114</sup> *Ib.*, ed. cit., t. 4, pp. 1-11.

<sup>115</sup> *Ib.*, t. 1, pp. 218, 226-227.

<sup>116</sup> *Ib.*, p. 227.

<sup>117</sup> *Ib.*, p. 229.

<sup>118</sup> K. R. SCHOLBERG, *Sátira e Inectiva en la España Medieval* (Madrid, 1971), pp. 259-263, 273, 281-283, 291-294, 301, 302, 305, 310-320, 323-327, 330, 331, 336, etc.

<sup>119</sup> *Cancioneiro Geral*, ed. cit., t. 1, pp. 285-288.

<sup>120</sup> *Ib.*, t. 2, pp. 25, 27.

<sup>121</sup> *Ib.*, t. 4, p. 4.

<sup>122</sup> *Ib.*, p. 259. O itálico é nosso.

<sup>123</sup> *Ib.*, pp. 380-392.

<sup>124</sup> *Ib.*, t. 5, pp. 202-203.

<sup>125</sup> *Ib.*, pp. 202-211.

<sup>126</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 114-119

<sup>127</sup> *Ib.*, p. 286.

<sup>128</sup> *Ib.*, t. 2, pp. 119-120.

<sup>129</sup> *Ib.*, pp. 150-151.

<sup>130</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 338-341.

<sup>131</sup> *Ib.*, t. 5, p. 306.

<sup>132</sup> *Ib.*, t. 2, pp. 118-119.

<sup>133</sup> *Ib.*, t. 1, p. 200.

<sup>134</sup> *Ib.*, t. 2, p. 147.

<sup>135</sup> *Ib.*, p. 147.

<sup>136</sup> *Ib.*, pp. 353-354.

<sup>137</sup> *Ib.*, t. 4, pp. 158-160, 264-265.

<sup>138</sup> *Ib.*, t. 1, pp. 169-172.

<sup>139</sup> *Ib.*, t. 4, p. 251.

<sup>140</sup> *Ib.*, p. 344.

<sup>141</sup> *Ib.*, t. 2, pp. 281-282.



- <sup>142</sup> *Ib.*, t. 5, p. 391.
- <sup>143</sup> *Ib.*, t. 4, pp. 345-352.
- <sup>144</sup> *Chansons Satiriques et Bachiques du XIII<sup>e</sup> Siècle* (Paris, 1965)
- p. 78. Ed. por A. Jeanroy e A. Langfors.
- <sup>145</sup> *Cancioneiro Geral*, ed. cit., t. 5, p. 372.
- <sup>146</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 170-171.
- <sup>147</sup> *Ib.*, t. 5, pp. 225-228.
- <sup>148</sup> *Ib.*, pp. 195-202.
- <sup>149</sup> *Ib.*, t. 1, pp. 180-186.
- <sup>150</sup> *Ib.*, t. 2, p. 326.
- <sup>151</sup> *Ib.*, pp. 346-347.
- <sup>152</sup> *Ib.*, t. 5, pp. 228-236.
- <sup>153</sup> *Ib.*, pp. 236-248.
- <sup>154</sup> *Ib.*, t. 4, pp. 290-304.
- <sup>155</sup> *Ib.*, p. 303.
- <sup>156</sup> *Ib.*, pp. 261-262.
- <sup>157</sup> *Ib.*, pp. 268-271.
- <sup>158</sup> *Ib.*, t. 2, p. 353.
- <sup>159</sup> *Ib.*, t. 3, p. 52.
- <sup>160</sup> *Ib.*, t. 4, pp. 238-242.
- <sup>161</sup> *Ib.*, pp. 243-250.
- <sup>162</sup> *Ib.*, t. 2, p. 354.
- <sup>163</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 278, 283, 284.
- <sup>164</sup> *Ib.*, t. 4, pp. 187, 188.
- <sup>165</sup> *Ib.*, pp. 189-190, 202-217, 221, 263, 398-401.
- <sup>166</sup> *Ib.*, pp. 353-360.
- <sup>167</sup> *Ib.*, t. 2, p. 357; t. 3, p. 277.
- <sup>168</sup> *Ib.*, t. 4, p. 167. O grifo e a pontuação são da nossa responsabilidade.
- <sup>169</sup> *Ib.*, t. 2, pp. 348-349.
- <sup>170</sup> *Ib.*, t. 3, p. 347.
- <sup>171</sup> *Ib.*, t. 2, pp. 134-136.
- <sup>172</sup> *Ib.*, t. 4, p. 303.
- <sup>173</sup> *Ib.*, t. 5, p. 237.
- <sup>174</sup> *Ib.*, pp. 92-94.
- <sup>175</sup> *Ib.*, t. 1, pp. 204-205.

<sup>176</sup> *Ib.*, t. 4, pp. 161-166.

<sup>177</sup> *Ib.*, t. 5, pp. 195-202.

<sup>178</sup> MÁRIO MARTINS, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956) pp. 511 e sgs.; *Teatro Quinhentista nas Naus da Índia* (Lisboa, 1973) pp. 37-41.

<sup>179</sup> PETIT DE JULLEVILLE, *La Comédie et les Moeurs en France au Moyen Âge* (Paris, 1886) p. 73.

<sup>180</sup> *Nouveau Recueil de Farces Françaises des XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> Siècles* (Paris, 1880) pp. 191-198. Ed. por Émile Picot e Christophe Nyrop.

<sup>181</sup> MÁRIO MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 2 (Braga, 1972), pp. 33-38.

<sup>182</sup> DU CANGE, *Glossarium*, em *Kalendae*

<sup>183</sup> MÁRIO MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 2 (Braga, 1972), pp. 33-38.

<sup>184</sup> *Provas da História Genealógica*, t. 1 (Lisboa, 1739, pp. 633-643.

<sup>185</sup> *Horas de Nossa Senhora* (Paris, 1500), fls. 72v-88v.

<sup>186</sup> T. 1 (Braga, 1969), no final do volume. Da génese e expansão da Dança Macabra e da sua influência em Gil Vicente e no teatro espanhol, cf. *ib.*, t. 1, pp. 171-295; *ib.*, t. 2, pp. 32-94.

## BIBLIOGRAFIA

- ALDAO, Eugenio Carré y, *El Cancionero de Baena*, em *Influencias de la Literatura Gallega en la Castellana* (Madrid, 1915), pp. 232-250.
- AMORA, A. Soares, *El-rei D. Duarte e o «Leal Conselheiro»* (São Paulo, 1948).
- ASENSIO, Eugenio, *Poética y Realidad en el Cancionero Peninsular de la Edad Media* (Madrid, 1957).  
*Estudios Portugueses* (Paris, 1974).
- CALADO, A. de Almeida, *Frei João Álvares. Estudo Textual e Literário-Cultural* (Coimbra, 1964).
- CARVALHO, Joaquim de, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XV* (Coimbra, 1949).  
*Os Sermões de Gil Vicente e a Arte de Pregar* (Lisboa, s/d).
- CHAMBERS, E. K., *The Mediaeval Stage* (Oxford, 1903).  
Dois vols.
- CIAN, Vittorio, *La Satira* (Milão, 1945).
- CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa* (Coimbra, 1951).
- DIAS DINIS, A. J., *Uma Donzela do Cancioneiro*, em «Colectânea de Estudos» (Braga, 1952), pp. 131-178.  
*Ainda sobre a Identidade de Frei João Verba*, em «Itinerarium», t. 3 (Braga, 1957), pp. 479-490.
- FERNANDES, Rogério, *D. Duarte e a Educação Senhorial*, em «Vértice», t. 37 (Coimbra, 1977), pp. 347-388.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *Crítica do Exílio* (Lisboa, 1930).
- GOMES DOS SANTOS, D. Maurício, *D. Duarte e as Responsabilidades de Tânger* (Lisboa, 1960).
- LAPA, M. Rodrigues, *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval* (Coimbra, 1973).

- Florilégio do Cancioneiro de Resende* (Lisboa, 1973).  
*D. Duarte e os Prosadores da Casa de Avis* (Lisboa, 1957).
- LE GENTIL, Pierre, *La Poésie Lyrique Espagnole et Portugaise à la Fin du Moyen Âge* (Rennes, 1949 e 1953 ).  
 Dois vols.
- LEHMANN, Paul, *Die Parodie im Mittelalter* (Stuttgart, 1963).
- LOBO, M. Edith, *Contribuição para o Estudo da Métrica e da Rima do «Cancioneiro Geral» de Garcia de Resende*, em «*Ocidente*», n.º 395 (Lisboa, 1971), pp. 222-244.
- MAGNE, Augusto, na introdução e apêndices à reimpressão do *Boosco Deleitoso* (Rio de Janeiro, 1950).
- MARIATEGUY Y PÉREZ DE BARRADAS, Alfonso de, *El Libro de la Montería*, em *Historia de la Montería en España* (Madrid, 1934).
- MARTINS, Diamantino, *O Sistema Moral da «Virtuosa Benefeitoria*, em «*Revista Portuguesa de Filosofia*» (Braga, 1965), pp. 235-254.  
*O «De Beneficiis» de Séneca e a «Virtuosa Benefeitoria» do Infante D. Pedro*, *ib.*, pp. 255-321.
- MARTINS, José V. de Pina, *Cultura Italiana* (Lisboa, 1971).  
*Pico della Mirandola e o Humanismo Italiano nas Origens do Humanismo Português*, sep. dos «*Estudos Italianos em Portugal*», n.º 23 (Lisboa, 1964).
- MARTINS, Mário, *Petrarca no «Boosco Deleytos»*, em «*Brotéria*», t. 38 (Lisboa, 1944), pp. 361-373.  
*Cinopédia Medieval*, em «*Brotéria*», t. 69 (Lisboa, 1959), pp. 41-50.  
*A Filosofia Esotérica no «Speculum Haebraeorum» e em Samuel Usque*, em «*Revista Portuguesa de Filosofia*», t. 2 (Braga, 1946), pp. 339-349.

- Experiência e Conhecimento no «Livro da Montaria»*, em «Revista Portuguesa de Filosofia», t. 13 (Braga, 1957), pp. 52-65.
- Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956).
- Estudos de Cultura Medieval*, t. 2 (Braga, 1972).
- Teatro Quinhentista nas Naus da Índia* (Lisboa, 1973).
- Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975).
- MENDES, João, *Literatura Portuguesa*, t. 1 (Lisboa, 1974).
- MENÉNDEZ Y PELAYO, *Antología de Poetas Líricos Castellanos*, t. 1 (Santander, 1944).
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, *Historia General de las Literaturas Hispánicas*, t. 1 (Barcelona, 1949).
- MERÊA, Paulo, *As Teorias Políticas Medievais no «Tratado da Virtuosa Benfeitoria»*, em «Revista de História», n.º 29 (Lisboa, 1919), pp. 5-21.
- OLIVEIRA BRAGA, Maria Antónia de, *Os Benefícios Honrosos na «Virtuosa Benfeitoria»*, (Porto, 1955).
- PASSOS, Maria Lúcia Perrone de Faro, *O Herói na «Crónica de D. João I» de Fernão Lopes* (Lisboa, 1974).
- PERNOUD, Régine, *Pour en finir avec le Moyen Âge* (Paris, 1977).
- PIDAL, Pedro J., no prólogo, notas e apêndices da ed. do *Cancionero de Baena* (Buenos Aires, 1949), pp. XIII-LXXXI, LXXXV-XCIII, 655-734.
- PIEL, J. M., no prefácio e apêndices à sua ed. do *Leal Conselheiro* (Lisboa, 1942).
- PIMPÃO, A. J. da Costa, *História da Literatura Portuguesa*, t. 1 (Coimbra, 1947).
- PRESTAGE, Edgar, *The Chronicles of Fernão Lopes and Gomes Eanes de Azurara* (Watford, 1928).
- REVAH, I. S., *Les Sermons de Gil Vicente. En Marge d'un Opuscule du Professeur Joaquim de Carvalho* (Lisboa, 1949).

- Études Portugaises* (Paris, 1975). Ed. do Centro Cultural Português.
- ROCHA, Andrée Crabbé, *Aspectos do Cancioneiro Geral* (Coimbra, 1950).  
*O Cancioneiro Geral* (Lisboa, 1962).  
*Esboços Dramáticos no Cancioneiro Geral* (Coimbra, 1951).
- RUGGIERI, Jole, *Il Canzoniere di Resende* (Génova, 1931).
- SCHOLBERG, Kenneth, *Sátira e Invectiva en la España Medieval* (Madrid, 1971).
- SIMÕES, João Gaspar, *História da Poesia Portuguesa*, t. 1 (Lisboa, 1965).
- SIMÓN DÍAZ, J., *Bibliografía de la Literatura Hispánica*, t. 3 (Madrid, 1953).
- SPÍNOLA, Francisco Elías de Tejada, *A Sátira Política em Portugal durante o Século XV* (Lisboa, 1945).
- TAYLOR, Henry Osborn, *The Mediaeval Mind* (Harvard, 1959). Dois vols.
- VASCONCELOS, Faria de, *Contribuição para a Psicologia do Rei D. Duarte* (Lisboa, 1937).